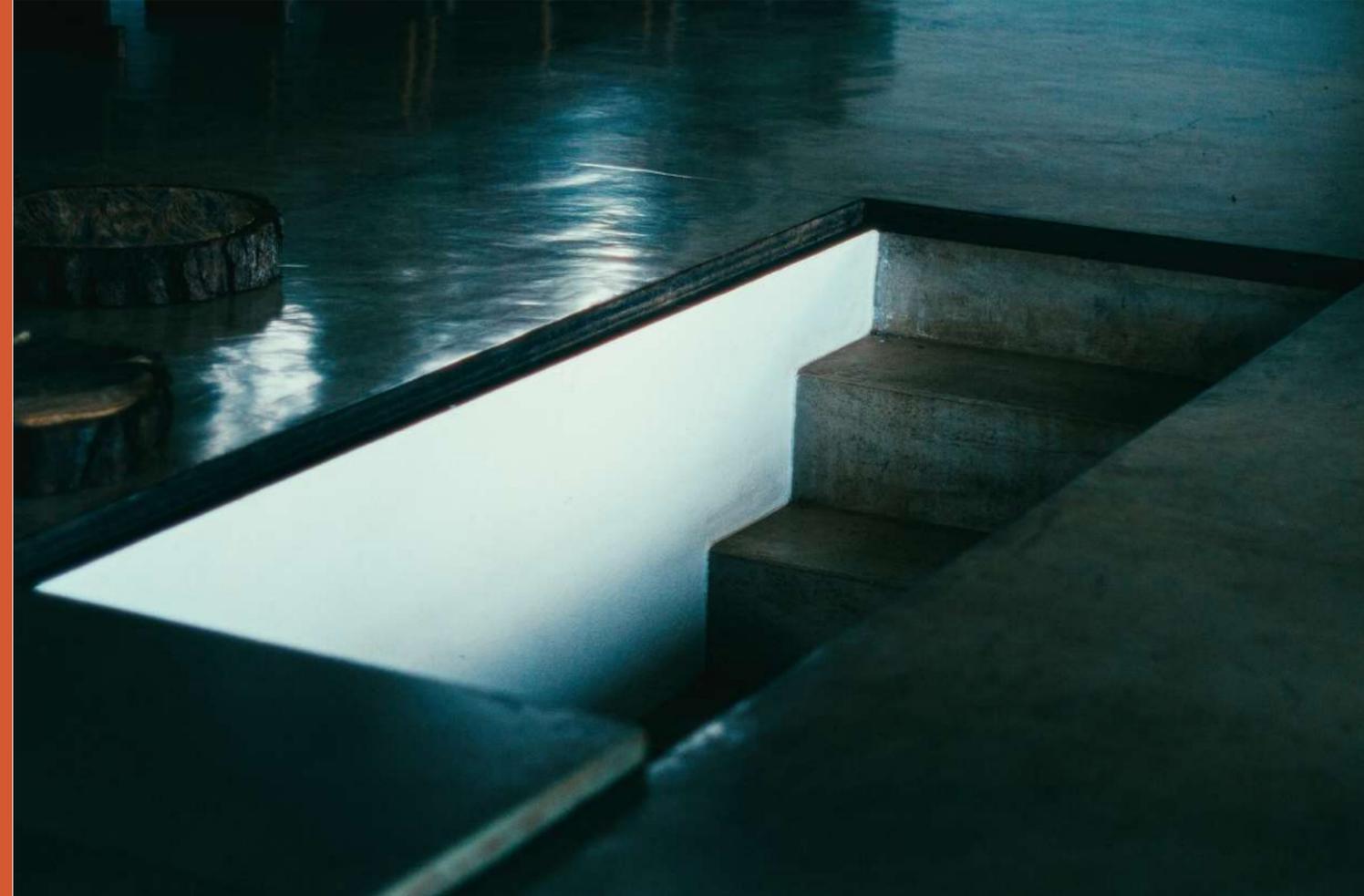


ମୁକାବଲ

ନଂମେରୋ ୧ . ୨୦୨୪

Fotografias da capa e à direita, por João Santos em Atélier da artista Claudia Renault.



EXPEDIENTE

REITOR DA PUC Minas

Prof. Dr. Pe. Luís Henrique Eloy e Silva

CAMPUS LOURDES

Pró-reitor Adjunto do Campus Lourdes

Prof. Lúcio Mauro Pereira

Diretor Acadêmico do Campus Lourdes

Prof. Marcos Arrais e Silva

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES

Diretora da Faculdade de Comunicação e Artes

Profa. Adelina Martins de La Fuente

Chefe de Departamento de Comunicação Social

Profa. Viviane Maia Vilas Boas

CURSO DE JORNALISMO (CAMPUS LOURDES)

Colegiado do curso de Jornalismo Campus Lourdes

Prof. Pedro Vaz Perez (coordenador)

Prof. Marco Túlio Ulhôa

Núcleo Docente Estruturante do curso de Jornalismo Campus Lourdes

Prof. Pedro Vaz Perez

Prof. Ercio Sena

Prof. Márcio Serelle

Prof. Marco Túlio Ulhôa

Profa. Viviane Maia Vilas Boas

REVISTA PRAÇA

Editor geral e coordenador do Núcleo de Experimentação em Jornalismo

Prof. Marco Túlio Ulhôa

Editora visual

Profa. Bruna Mibielli

Conselho editorial

Prof. Pedro Vaz Perez

Prof. Márcio Serelle

Monitores

Ana Clara Maforte

João Santos

Luiza Gomes

Lóla Luvizoto

Marina Vianna

Náthaly Escobar

Victor Kauffmann

Textos

Ana Clara Maforte

Bruna Mibielli

Luiza Gomes

Lóla Luvizoto

Náthaly Escobar

Fotografias

Bruna Mibielli

João Santos

Lóla Luvizoto

Marina Vianna

Design

Bruna Mibielli

Victor Kauffmann

Índice visual

Ana Clara Maforte

Fotografia da capa

João Santos

Ilustrações da equipe

Shamara Araújo

Revista Praça

Av. Brasil, 2023, Funcionários / Sala 605

Belo Horizonte – MG / CEP: 30140-002

Tel: (31) 32693227

lourdes.pucminas.br/revistapraça

revistapraça@pucminas.br

A revista Praça é uma publicação semestral do Núcleo de Experimentação em Jornalismo do curso de Jornalismo da unidade Praça da Liberdade, da PUC Minas.

As opiniões expressas nos textos e imagens são de responsabilidade dos autores, não refletindo necessariamente a posição institucional da PUC Minas.

Distribuição: gratuita

Número 1

Belo Horizonte - MG, julho de 2024





EDITORIAL

Desde as intervenções pelo novo jornalismo promovidas por autores como Gay Talese e Truman Capote, na década de 1960, o fazer jornalístico converteu-se em um campo de tensões entre as técnicas da reportagem e da narrativa literária. Inflexões que, ainda hoje, não esgotaram as suas possibilidades, tendo em vista as mudanças ocorridas tanto nas práticas do jornalismo quanto no entendimento dos aspectos subjetivos que atravessam o seu processo de escrita. Como uma atividade incapaz de dissimular o seu gesto constitutivo enquanto ato narrativo, a escrita jornalística está fadada a incorrer nos mesmos dilemas que, por exemplo, definem a relação entre a veracidade do argumento histórico e o processo de escrita que perfaz o exercício do historiador.

Por essa via, fazer jornalismo é sempre um gesto poético, no sentido original da palavra. Tal como a *poiesis* grega se divide entre a imaginação e a prática, o relato jornalístico, assim como o relato histórico, jamais se desfaz de sua parte narrativa. Para os historiadores mais atentos, essa parte “maldita” que afasta a ciência histórica de um ideal de objetividade, é a própria condição do saber histórico. O jornalismo, enquanto ciência e prática atravessada por uma condição semelhante, deve assumir não só que a objetividade é sempre fruto da experiência subjetiva, mas que o conhecimento e a realidade são resultados do modo pelo qual o sujeito narra o mundo para si e os outros.

Em diálogo com importantes publicações nacionais e internacionais dedicadas ao que ficou conhecido academicamente como *jornalismo narrativo*, a revista Praça vem ao mundo em sua primeira edição, apresentar um novo espaço de reflexão sobre as fronteiras entre o jornalismo e a literatura. Como uma proposta de articulação entre as formas do jornalismo literário e os demais gêneros da reportagem, o seu objetivo é promover o encontro dos estudantes do curso de Jornalismo do Campus Lourdes, com o exercício de alteridade que permeia a prática jornalística e sua função sociocultural. Daí o nome *Praça*, como emblema desse importante espaço público destinado ao encontro, à passagem, ao lazer, ao diálogo e a todas as manifestações da democracia que têm como palco essa arena comum.

Enquanto ato poético e espaço para todas as formas do comum, o propósito da revista Praça é fomentar a realização de diferentes conteúdos jornalísticos, em formatos capazes de articular os diferentes gêneros (como a reportagem, a crônica e a opinião) e as relações da escrita com outras mídias (como o vídeo, o áudio e a fotografia). Logo, a proposta da revista é elaborar conteúdos que revelem um esforço investigativo e uma escrita repleta de seus indícios, através de um desafio de promover a integração efetiva entre o jornalismo e o pensamento, entre os estudantes e a criação de um olhar crítico.

Com este intuito, o primeiro número da revista Praça é um convite a conhecer um novo universo, em que sobressaem-se a presença do feminino, dos corpos negros, da cultura brasileira e do próprio jornalismo, como força maior que dá movimento a essa novidade e aos desejos daqueles que se esforçaram para trazê-la ao mundo. Vida longa à revista Praça!

Marco Túlio Ulhôa
Editor geral e coordenador da revista Praça



MARCO TÚLIO ULHÔA

Professor e pesquisador, ocupa o cargo de editor geral da revista Praça, coordenador do Núcleo de Experimentação em Jornalismo e membro do colegiado do curso de Jornalismo da unidade Praça da Liberdade.



BRUNA MIBIELLI

Artista, professora e pesquisadora, editora visual da revista Praça, onde encontra tudo que gosta de fazer: fotografia, design, arte, criatividade e trabalho em equipe.



ANA CLARA MAFORTE

Ler, escrever, pintar, descobrir, nada realmente importa se eu não estiver transmitindo a mim mesma naquilo que faço. Assim se fez a Revista e o Jornalismo na minha história, vieram para completar essa caminhada de me descobrir no processo.



JOÃO SANTOS

Cineasta, fotógrafo e ilustrador, encontrei na revista Praça uma oportunidade de me desenvolver no jornalismo e vivenciar ainda mais a cultura de BH.



LUIZA GOMES

Graduanda do curso de jornalismo. Encontrei na Revista Praça a oportunidade de explorar a minha criatividade e flutuar por diferentes espaços. Escrever é um ato de amor, como diz Conceição Evaristo, é a senha pela qual eu acesso o mundo.



LÓLA LUVIZOTO

Jornalista em formação e aspirante a documentarista, atravesso a rua de mim mesma, como bem disse Eliane Brum, e encontro na Revista Praça a possibilidade de ser transformada por conexões profundas com o mundo ao meu redor.



NÁTHALY ESCOBAR

Como escreveu Solano Trindade, o ser humano é a minha bandeira, esta é a minha arte. Graduanda em jornalismo para poder contar histórias, ouvir pessoas e falar de gente. A Revista me aproximou do outro e, mais ainda, de mim mesma.



MARINA VIANNA

Sou fotógrafa e futura jornalista. Vi na revista uma oportunidade de registrar mais histórias e, gradualmente, obter mais informações sobre o mundo e a vida.



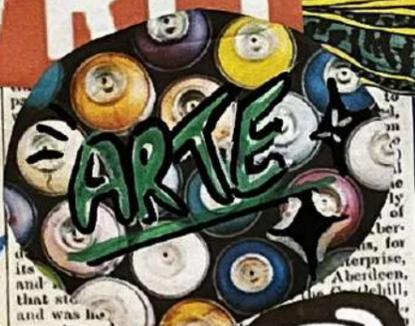
VICTOR KAUFFMANN

Escrevo e passo tempo demais no computador. Busco trabalhar com jornais e ter uma própria coluna algum dia, seja online ou físico. Sou tranquilo, relaxado e de boa, não tem porque ficar com pressa.

BRASILEIRO

INIAVRA

Just one more chapter



«LOTEI MUITO TEATRO POR CURIOSIDADE»
Ivan Lins

15º PRÊMIO APTB



15º PRÊMIO APTB

KEEP OUT KEEP OUT KEEP OUT



CRIBI



PRAÇA Lóla Luvizoto	14
NEGRA PALAVRA: EM MEMÓRIA DE SOLANO Náthaly Escobar	22
TEUDA BARA: UMA ETERNA ATRIZ EM FORMAÇÃO Luiza Gomes	32
LAMPARINA E SEU PURO SUCO DE BRASIL Lóla Luvizoto	50
JULIANA DAL PIVA Náthaly Escobar	62
EXPERIMENTO DO CORPO Bruna Mibielli	76
HERANÇA DO MODERNO À MINEIRA Lóla Luvizoto, Luiza Gomes, Náthaly Escobar	103
O ARQUIPÉLAGO MINEIRO Luiza Gomes	110
DALILA, GUARDIÃ DA HISTÓRIA NÃO CONTADA Lóla Luvizoto	120
IGOR PIRES E A INSPIRAÇÃO NO ORDINÁRIO Ana Clara Maforte	134
ENTRE TELAS E RAÍZES Náthaly Escobar	138

Todos os dias,

infinitas linhas se cruzam

na trama de uma

cidade

Surgindo de todos os lugares,

d e s a v i s a d a s

elas se emaranham em jardins,

estátuas,

coreto,

bancos,

labirintos e

PRAÇAS.

Os encontros, ocupam esse **e s p a ç o**

RESERVADO

em meio a prédios e avenidas,

desacelerando o ritmo **FRENÉTICO**

fora

daquela delimitação, se engana aquela que acredita que pode
simplesmente

atravessar **UMA PRAÇA.**

As **sombras** projetadas sobre

o **concreto** passeiam de forma

cíclico, sendo, muitas vezes,

percebidas somente a

partir de sua

ausência.

Entre o segundo inerte **e a palavra** de ordem,

cabe o intento de ser **mais.**

É nesse **intervalo**

que os **olhos** e **ouvidos**

deixam escapar

as histórias que se **desenrolam**

a partir do momento

que o cachorro **MORDE** o homem.

MAIS uma vez,

se engana quem acredita que simplesmente

atravessa uma Praça.

A FORÇA

do **impacto** dos
pés na calçada, o

atalho
o cheiro
o busto
a arquitetura
transplantada

pelos caminhos
pelo canteiro,
da grama cortada,
desprezado de um tecnocrata,
decadente, o patrulhamento e a natureza

revelam algo maior do que uma tradicional

pirâmide
invertida

é capaz de conceber.

Como a LUZ

que recorre às frestas
para iluminar salas seladas,

os manuais precisam ser tomados pelo eu.

Sobre

as *ruínas* da dita **CIVILIZAÇÃO,**

o **instinto** de defesa da *natureza* se revela com a mesma bravura

do bicho que
encara seu predador.

A c i m a d a s

cabeças,

os raios solares atravessam as árvores **revelando o brilho da fuligem.**

As sirenes anunciam o
momento de acionar o plano de

fuga.



Ilusão

é aceitar o fim sem ao menos desasfiar os recomeços.

por Lóla Luvizoto

NEGRA PALAVRA: EM MEMÓRIA DE SOLANO

Antirracista e político por natureza, o espetáculo é uma ode à resistência intelectual e artística de Francisco Solano Trindade

Por Náthaly Escobar

Vinde poetas
pois vós
conheceis o segredo da vida...

A ancestralidade atravessava a cena em Botafogo, Rio de Janeiro, num dia atípico de chuva em meados de julho de 2023, experimentando unir passado e presente. As luzes do teatro Poeirinha ainda não haviam sido acesas por completo e, entre penumbras, a fumaça do cenário transpassava as pessoas que esperavam a peça começar na fileira da frente, dançando por entre algumas silhuetas já posicionadas no palco. Esse que não era alto e nem distante, aproximava ainda mais do que pensava até aquele momento.

Em *Negra Palavra* não existe quarta parede, a relação com a plateia se intensifica no teatro íntimo. Tomados de interpretação em cada poema, o elenco fincou a atenção de todos durante a peça inteira que, há cinco anos, se ergue e desafia o esquecimento.

A cronologia dos poemas ao longo do espetáculo apresenta histórias que se completam e esmiúçam toda a vida de Francisco Solano Trindade. Foram 60 minutos costurados entre cenas pela encenação metalinguística do trem que protagoniza o texto mais conhecido do poeta pernambucano: *Tem gente com fome*. A performance é feita 3 vezes, embriagada de entusiasmo artístico, durante os 9 atos.

Trem sujo da Leopoldina,
Correndo correndo
Parece dizer:
Tem gente com fome,
Tem gente com fome,
Tem gente com fome.

Piiiiiii!

Estação de Caxias,
De novo a correr,
De novo a dizer,
Tem gente com fome,
Tem gente com fome,
Tem gente com fome.



O trem sujo da Leopoldina denunciava a fome entre um vai e vem dos trabalhadores por estações do Rio de Janeiro. Esse trajeto também era traçado por Solano que, na época, morava em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Há 80 anos, esse poema, publicado em 1944, fez com que Trindade fosse perseguido e preso pela ditadura de Getúlio Vargas, durante o Estado Novo (1937-1945). A peça abraça toda a carga de resistência que a reuniu.

Revistaram minha casa. Na minha estante de caixa de cebola, havia alguns livros. Nas paredes, alguns quadros de pintores amigos. No quarto havia um penico, pois tínhamos em casa quatro crianças. Mesmo assim fui preso incomunicável. Os investigadores que me levaram para a rua da relação, diziam: este é de Caxias. Levaram comigo 39 exemplares de meu livro, *Poemas D'uma Vida Simples*. Trindade em "O Poeta do Povo", 1999.

A montagem compõe, pedaço por pedaço, Solano Trindade. Eles destrincham a vida do *Poeta do Povo*, um dos principais intelectuais negros a estremecer o cenário cultural e político do país, honrando o legado atemporal do recifense.

O Poeta do Povo

Sou Negro
meus avós foram queimados
pelo sol da África
Minh'alma recebeu o batismo dos tambores,
atabaques, gonguês e agogôs.

No bairro de São José, em Recife, Pernambuco, nasceu o pai da "poesia assumidamente negra", em julho de 1908. Emerência Maria, sua mãe, era operária cigareira. Era a pedido de Emerência, que não sabia ler, que o poeta declamava e apreciava junto dela, os romances e as literaturas de cordel. Seu pai, Manoel Abílio, era sapateiro. Ele e o poeta divagavam incansavelmente pelas ruas da capital pernambucana, deixando-se seduzir pelos ritmos das festas populares da cidade.

Meu pai era preto
Minha mãe era preta
Todos em casa são pretos

O eterno ativista político falava a língua do amor como ninguém. Ainda na metade da década de 1930, se casara com Maria Margarida. Com ela, quem soube amar suntuosamente, teve quatro filhos: Raquel, Liberto, Godiva e Francisco.

É mais que um beijo
É mais que uma cópula
É mais que um desejo
É uma vontade permanente de amar

Foi o canto da minha adolescência
Foi a música da minha felicidade
É o ritmo da minha velhice

Em 1934, participou ativamente do I Congresso Afro-Brasileiro e fundou a Frente Negra Pernambucana, organizada como partido político. Tempos depois, ajudou a desenvolver o Centro de Cultura Afro-brasileiro.

Eu sou poeta do povo
Olorum Ekê
A minha bandeira
É de cor de sangue
Da cor da revolução

Em 1950, juntamente de sua companheira Margarida Trindade e do escritor Edison Carneiro, criou o Teatro Popular Brasileiro em Duque de Caxias. Com esse grupo, foram produzidos vários espetáculos, em que as personagens eram interpretadas por operários, domésticas e estudantes. Um teatro que formava novos artistas através de cursos de interpretação e dança. Ao lado de Abdias Nascimento, também foi membro do Comitê Democrático Afro-brasileiro, braço político do Teatro Experimental do Negro.

Na minh'alma ficou
o samba
o batuque
o bamboleio
e o desejo de libertação.

O futuro ancestral do Complexo

O Complexo Negra Palavra, formado a partir da peça realizada pelo Coletivo Preto e a Companhia de Teatro Íntimo, herda os textos de Solano, incorporando todos os escritos autobiográficos da vida do artista. Com a poesia é possível saber como foi a infância, um cafuné, o primeiro beijo, a militância e, até mesmo, a chegada dos cabelos brancos na velhice. O grupo de teatro sequestra essas histórias e as reinventa com muita admiração. Eudes Veloso, produtor e um dos atores, afirma que tudo isso faz com que as pessoas saiam de lá querendo saber mais sobre quem é “esse tal” Solano Trindade.

O tempo jogou prata sobre minha cabeça
Armazenei experiências
Sou rico de compreensão
Sei amar suntuosamente
Sou letrado luminoso do amor

André Muato assina a musicalidade e as outras expressões artísticas que fazem parte da obra. Renato Farias é o idealizador e diretor artístico, junto de Orlando Caldeira, responsável pela direção de movimento. Thati Moreira assume a assistência da direção e Drayson Menezes é quem prepara os atores: Adriano Torres, André Américo, Eudes Veloso (também diretor de produção), João Manoel, João Nazaré, Jorge Oliveira, Lucas Sampaio, Raphael Elias (também diretor de arte), Rodrigo Átila e Thiago Hypólito.

A poesia assumida no palco e coberta de teatralidade aproximou o público, fez com que as pessoas pudessem se identificar, se emocionar e fazer do teatro uma verdadeira experiência. Os dez atores incluem movimentos ligados ao resgate da cultura negra e da poesia afro-brasileira,





explodindo a cena por meio da expressão corporal. “A gente traz sons, batuques afro-brasileiros, a gente não precisa do instrumento, a gente precisa do nosso corpo”, fala André Américo. O ponto de partida do grupo são as conexões possíveis com a história, entre a memória e a existência. “A gente conta a história do Solano através das poesias dele e também as nossas, porque a poesia também passa por nós, pelas nossas experiências”, diz João Manoel.

Na época da pandemia da Covid-19, o espetáculo teve de ser interrompido, como descreveu Thiago Hypólito: “ceifado no meio da temporada”. Eles abarcaram a tecnologia em favor da arte, adaptando o trabalho de palco para a plataforma Zoom. O tablado ficou maior, eles adentraram lares e intimidades. A corporeidade que desenha a peça e o calor humano do contato com a plateia não foram perdidos, mas remontados em um momento que novas interações eram necessárias. *Negra Palavra* foi conforto em tempos de crise. “Eu duvido que quem estava lá na metade do século XIX imaginaria que o teatro pudesse ser feito dessa forma hoje, ele existe onde houver pessoas”, Thiago Hypólito acrescenta.

O primeiro Solano em cena

Antes de tudo, estava Eliton Torres, mais conhecido como Ton. Foi quem se reconheceu em Trindade, o primeiro Solano em cena. Ele estava fazendo um curso da Companhia Teatro Íntimo quando, durante uma proposta, no momento de escolher um artista para trabalhar, escolheu o poeta do povo. Renato Farias narra a forma quase mágica como o ator se envolveu com o recifense. Ele foi para a casa e trouxe além do que o exercício propunha, fez um roteiro impresso que misturava dados biográficos e alguns poemas. O diretor diz que percebeu que ele era a força que a peça, na gaveta desde 2006, precisava. O carioca, então, entrou na companhia, acompanhou as montagens e começou a vender seu bolo caseiro, o Chocoton, para dar continuidade aos seus projetos artísticos. “Ele estava pronto para pagar o preço de ser artista, ele sabia que ele era do tamanho de um complexo”, fala Eudes.

Era madrugada de uma quinta-feira, em 2017, quando o que era apenas um conflito entre dois jovens, desentendidos desde uma partida de futebol, resultou no fim de Ton. Ele desaconteceu pelas ruas de São Cristóvão, Zona Norte do Rio, sob todas as suas memórias de criança arteira, brutalmente assassinado. Ele celebrava o seu aniversário de 23 anos com amigos, no lugar onde cresceu. Naquele bairro estava Ton, morto. O autor do crime, Lucas Soares, filho de um assessor parlamentar do Rio de Janeiro, tinha nas mãos um taco de beisebol. Matou-o covardemente com um golpe na cabeça. Aquilo não pareceu, nem de longe, uma rixa. No mais, Ton era um menino que, durante a discussão, foi arrancado de seu sonho. O ator faleceu 3 dias depois, em uma manhã de sábado.

Renato compartilha suas lembranças da estreia de Ton em *Princípios Transgredíveis para Amores Precários* (2016), com a direção de Rafael Sieg, iluminador em *Negra Palavra*. “Era lindo ver ele atuando. Era aquele ator que você não desgruda o olho. O Ton tinha esse carisma, esse magnetismo, ele queria tanto estar no palco que cada segundo era preenchido por esse desejo imenso”.

Adriano Torres, ator em *Negra Palavra*, é o irmão de Ton Torres. “Minha bronca maior é com o pai do Lucas, o Raul Soares. Ele era metido a ‘bambambam’, era assessor parlamentar do Chiquinho da Mangueira. Foi ele que incentivou tudo isso”, afirma. Naquele dia, segundo aqueles que testemunharam a agressão, Raul Soares estava armado e ameaçou atirar caso Lucas fosse impedido pelos amigos de Ton.

Cheio de saudade, Adriano descrevia Eliton como alguém com “sangue nos olhos”. Era quem, mesmo com todas as barreiras que a vida e a cor da pele impusera, queria expandir. “A gente ficava de segunda a sexta no colégio interno, um orfanato, e o Ton tava lá, no meio da

pobreza e dificuldades, em meio a tantas coisas ruins, ele dizia que queria ser artista”, ele conta.

Muleque, muleque
quem te deu este beijo
assim tão grandão?
Teus cabelos
de pimenta do reino?
Teu nariz
essa coisa achatada?

“Todo mundo hoje quer ser negro. Mas naquele início dos anos 2000, era outra parada, mas ele estava ali, sabia o caminho dele”. O ator lançou luz ao poeta, e Solano nele.

Muleque, muleque
quem te fez assim?
Eu penso, muleque
que foi o amor...

Adriano é a continuação do sonho que foi desentranhado do irmão. “A gente dormia na mesma cama no colégio, ficava junto sempre, saia junto, então acabei ficando mais próximo dele. Acho que de todas as pessoas, até mais que a minha própria mãe, eu era quem mais conhecia o Ton”. Ele se agarrou ao desejo de Ton e subiu ao palco como o décimo ator negro da peça. “Quando ele morreu, deixou toda a admiração nos meus peitos. O *Negra Palavra* me abraçou e eu fui pra dentro”. Depois de duas oficinas, Renato Farias determinou que Adriano estaria na peça. E ele foi. “Eu tinha que fazer parte”.

Infelizmente, Ton não estreou em *Negra Palavra*, mas é o pilar que arquiteta o espetáculo e a força desse complexo que busca fazê-lo presente a cada apresentação.

Eles são a mensagem que brotou das mãos do poeta.

E eu levarei nas mãos
a mensagem de meu povo
a mensagem da paz
Mas se eu não voltar amada
não te entristeças
é que meus pés
ficaram na terra
e meus braços ficaram no ar
E a mensagem que eu levo nas mãos
brotou...

Onde houver teatro, haverá Ton.



TEUDA BARA: UMA ETERNA ATRIZ EM FORMAÇÃO

Símbolo de resistência e amor pelo teatro, Teuda é uma artista à frente de seu tempo

Por Luiza Gomes
Fotografias de Lóla Luvizoto e Marina Vianna

Era uma quarta-feira chuvosa, dia 20 de março de 2024, chegamos ao Galpão Cine Horto, na região leste de Belo Horizonte, na expectativa de entrevistar e conhecer uma das maiores atrizes do teatro brasileiro. Usando um vestido preto de bolinhas verdes e brancas, acompanhada de sua bengala e com um sorriso contagiante no rosto, sua marca registrada, Teuda Bara nos recebeu um pouco antes de começar a se aquecer para o espetáculo *Cabaré Coragem*, peça que estava em cartaz no teatro e contava com a atriz em seu elenco.

Teuda Magalhães Fernandes, mais conhecida como Teuda Bara, nasceu em Belo Horizonte no dia 1 de janeiro de 1941, filha do major do Corpo de Bombeiros e músico, Augusto Mário França Fernandes, e da enfermeira, cantora e parodista, Helena Magalhães Fernandes. Com o nome artístico inspirado na atriz estadunidense Theda Bara, no auge dos seus 82 anos esbanjando jovialidade e carisma, sentada em um dos corredores do teatro, Teuda nos leva a mergulhar em um mar de memórias e conhecer um pouco mais da sua história por trás das coxias.

O caminho trilhado até a arte

A atriz cresceu na capital mineira e teve sua infância muito marcada por idas ao circo junto ao pai. Teuda relembra que o teatro não era tão comum no seu dia a dia, o que o fazia mais presente na sua vida em datas comemorativas, desde eventos da cidade, como o Dia de Tiradentes, até o aniversário de sua mãe, Helena.

Teuda Bara relata que o desejo de seguir na profissão de atriz não foi algo que surgiu em um determinado momento de sua vida, mas sim uma paixão criada e construída com o tempo: “Eu nunca tinha feito um curso de teatro para ter o diploma e falar que eu sou atriz, eu era uma atriz em formação, como eu sou até hoje. Todo dia você aprende uma coisa, então eu me considero uma atriz em formação”, afirma.

A atriz revela que o primeiro contato direto que teve com o teatro aconteceu quando ela já estava na graduação e cursava Ciências Sociais na Universidade Federal de Minas Gerais. Vivendo a experiência de uma estudante dos aspectos sociais humanos, Teuda se sentia desiludida tentando se encaixar em um espaço que não lhe pertencia e, foi ali, trabalhando no diretório acadêmico do seu curso que tudo mudou.

A sua função era fazer colagens com recortes de livros e matérias de revistas para o jornal do curso. Na tentativa de tornar o trabalho mais prazeroso, Teuda começou a dar vida para aqueles recortes, produzindo encenações com a narrativa que neles eram contadas e utilizando aquilo como uma forma de denúncia e crítica. Naquele momento, começou a sua história com o teatro, encontrando a oportunidade de se conectar com a arte e conhecendo figuras renomadas

como José Celso Martínez Corrêa, Gilberto Gil e outros artistas que vinham até a cidade para divulgar seus trabalhos. A insatisfação com o curso e o desejo de se dedicar ao teatro, levou Teuda a abandonar a faculdade no terceiro ano. Assim, iniciou sua trajetória no teatro como assistente do diretor Eid Ribeiro.

Trajetória em cena

Um dos nomes mais citados por Teuda durante nossa conversa é o de José Celso Martínez Corrêa. O contato com o diretor foi significativo para sua construção enquanto profissional. O brilho nos olhos e a empolgação radiante transbordavam ao discorrer sobre a peça *O Rei da Vela* (1967), obra que contava com a coautoria de Zé Celso, como prefere o chamar. A paixão construída pelo espetáculo era evidente, a atriz revelou que assistira todos os dias em que esteve em cartaz.

Contudo, a sua vida artística não foi marcada unicamente por momentos de deslumbre e júbilo. Teuda Bara foi artista atuante no período da Ditadura Militar (1964-1985), viveu na pele as censuras e represálias impostas à classe. Narrando um pouco mais das experiências vivenciadas naquele tempo, ela conta sobre um acontecimento na obra *Triptolemo 17* (1978), quando o seu figurino foi censurado na véspera da estreia do espetáculo, juntamente, com diversas falas e gestos que complementavam a apresentação.

Em meio a risadas, ela diz: “ator é bicho doido”, e revela que o espetáculo dirigido por Eid Ribeiro foi realizado da maneira em que estava previsto no roteiro, passando por cima de todas as imposições feitas pelos censores. A atriz relata também que o ato de rebeldia contra a ditadura teve suas consequências. O elenco foi impedido de prosseguir com as apresentações da peça, contando ainda com uma temporada de três meses de aluguel do teatro pesando sobre o grupo. Um fardo que se somava à frustração e à incerteza do futuro.

Surgindo como uma luz no fim do túnel e unidos por um mesmo sentimento, os grupos de teatro de Belo Horizonte iniciaram uma mobilização com a intenção de ajudar o elenco. Símbolo de resistência e luta pelo direito da liberdade de expressão, o movimento rompeu barreiras e fez barulho por todo o Brasil. Teuda declara que além da arrecadação de fundos, a movimentação conseguiu alcançar seu objetivo inicial: a liberação do espetáculo para cumprir a agenda de apresentações.

O início de uma era

Iniciando uma nova etapa de sua vida, a atriz se inscreveu na oficina de teatro de rua que aconteceu em Belo Horizonte no ano de 1982, ministrada pelos artistas George Froscher e Kurt Bildstein, membros do Teatro Livre de Munique. Naquele ano, durante a oficina dos alemães, ocorreu o encontro de quatro atores apaixonados pela arte: Teuda Bara, Eduardo Moreira, Wanda Fernandes e Antonio Edson. Encantados com a experiência vivida e tomados pelo desejo de dar continuidade ao trabalho desenvolvido, os quatro colegas decidem criar uma companhia teatral nomeada como Grupo Galpão.

Era notável o brilho no olhar da atriz ao contar o início da caminhada do grupo. Teuda relembra momentos especiais, como o sucesso no Festival de Inverno de Diamantina, onde aprendeu várias técnicas do teatro de rua. Além disso, foi nessa época que surgiu o desejo de montar a peça *A alma boa de Setsuan*, de Bertold Brecht, um marco na história da companhia. “Quando eu assisti *A alma boa de Setsuan* fiquei morrendo de inveja de mim, porque quando eu me vi andando o palco inteiro de joelho, eu falei: não é possível. Eu correndo, não é possível, mas ficou pelo menos a memória de que eu já fiz isso”.

O Grupo Galpão possui uma trajetória ímpar que impactou diretamente a história do teatro brasileiro. Ao longo de mais de quatro décadas, os fundadores não imaginavam que a companhia se tornaria uma referência no meio. O grupo iniciou a sua jornada fazendo teatro de rua, viajando e realizando apresentações por várias cidades do interior, acumulando um legado de memórias e histórias.

Além do sucesso pelos palcos de todo o Brasil, Teuda Bara também marcou presença em produções audiovisuais, como a novela *Meu pedacinho de chão* (2014) e um dos maiores clássicos do cinema nacional, *Menino Maluquinho - O filme* (1995). Contando um pouco mais das vivências desses dois mundos, a atriz reflete sobre as diferenças notadas em suas experiências: “É outra coisa, não tem nada de teatro como eu penso porque na hora que você vai fazer, é uma personagem, uma representação, mas não tem esses ensaios, não tem essas discussões. Às vezes, você fica montado o dia inteiro e quando chega de tarde, eles falam pode tirar, não vai dar tempo de gravar porque são muitas cenas que tem que gravar”, relata.

Outro marco em sua carreira e que ela define como uma das aventuras mais loucas de sua vida, foi a sua participação no Cirque du Soleil, no início dos anos 2000. O convite para integrar o elenco da companhia circense veio do renomado ator, roteirista e cineasta Robert Lepage, que se encantou com a performance da atriz na peça *Romeu e Julieta*, encenada em Londres, no ano 2000. Lepage fez o convite diretamente a Teuda que aceitou viver o momento, morando por 7 meses no Canadá e logo depois se mudando para Las Vegas, onde continuaram as apresentações.

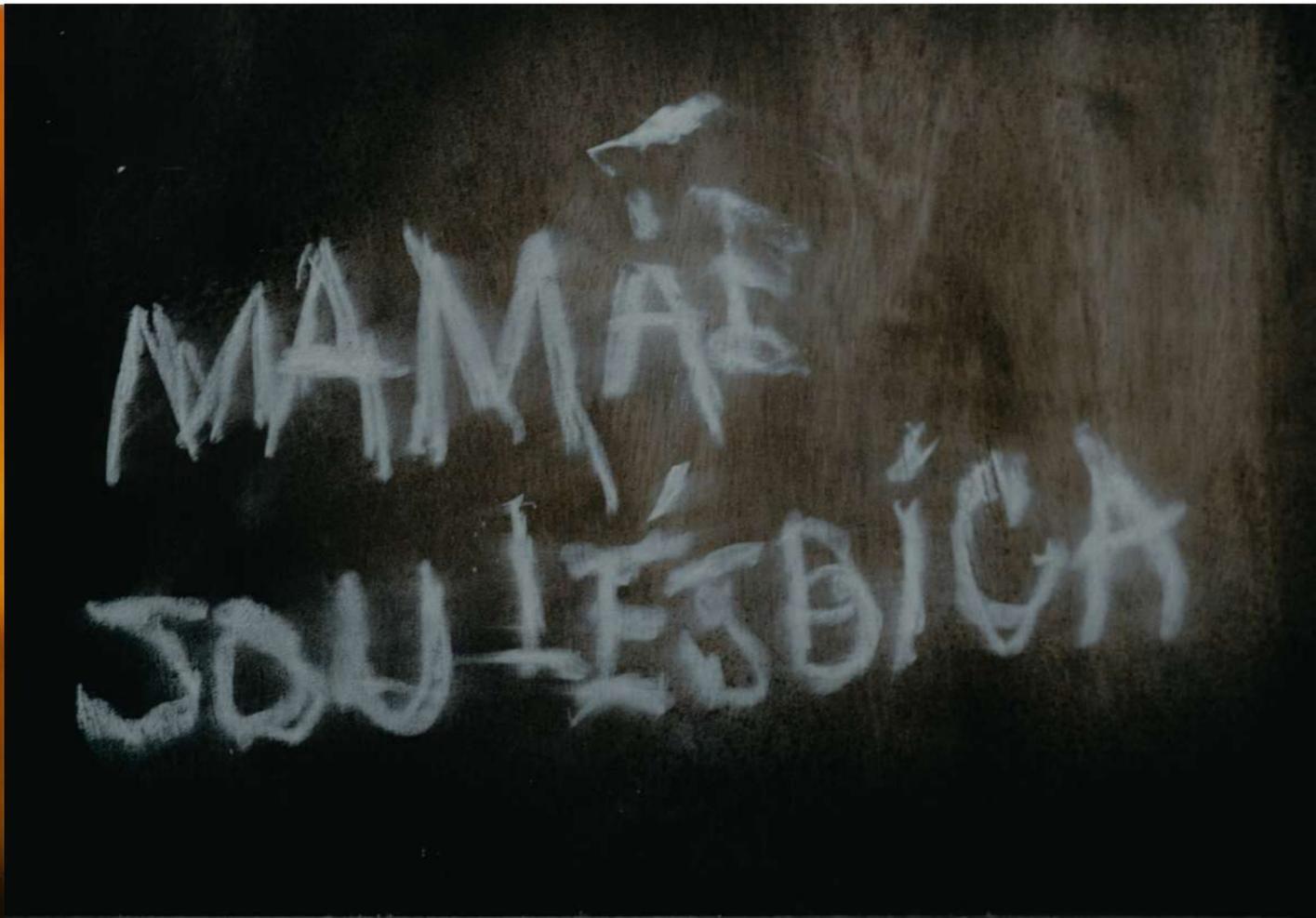
A vida da atriz Teuda Bara é um livro repleto de capítulos envolventes e momentos memoráveis. Em reconhecimento à sua trajetória marcante e grande influência cultural, no ano de 2016, o escritor João Santos lançou o livro biográfico, *Teuda Bara: comunista demais para ser chacrete*, pela Editora Javali. O título faz referência ao convite recusado por Teuda na década de 1970, para ser assistente de palco do programa de televisão apresentado por José Abelardo Barbosa de Medeiros, conhecido popularmente como Chacrinha. “Eu estava sentada do lado dele e ele falou: ‘ô menina, vamos ser chacrete comigo?’ Eu falei que era gorda e ele disse que fazia programa para classe C e D, que eles gostavam de mulher coxuda. Aí disse que não podia porque eu era comunista”, afirma Teuda.

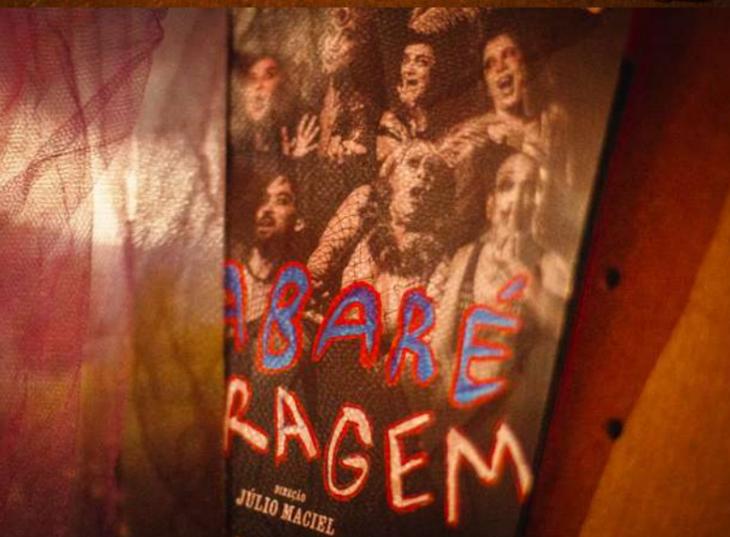
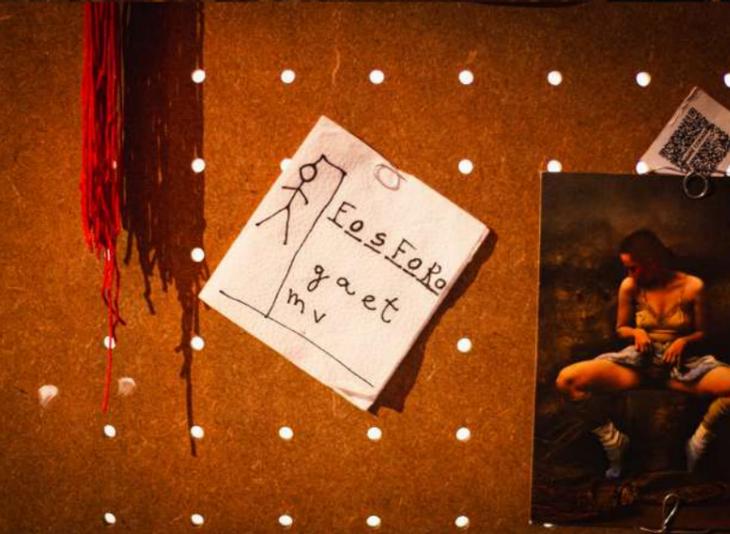
O relógio batia às 17:15, horário da atriz começar a se aquecer para o espetáculo daquela noite. Nos despedindo de Teuda ela revelou, sem muitos detalhes, sobre um projeto lindo do grupo para o segundo semestre de 2025. Embora ainda envolto em um véu de mistérios, a atriz deixou transparecer o amor que existe em cada iniciativa tomada pela companhia teatral. A visita ao Galpão Cine Horto foi marcada por um encontro memorável, onde as risadas contagiantes se entrelaçaram com histórias inspiradoras. Teuda Magalhães Fernandes é uma artista completa e dona de um talento ímpar. Destacando-se como uma figura emblemática do teatro brasileiro, segue sendo um símbolo de resistência e amor pela arte.



IMMUNOX

DE LI GROSSA













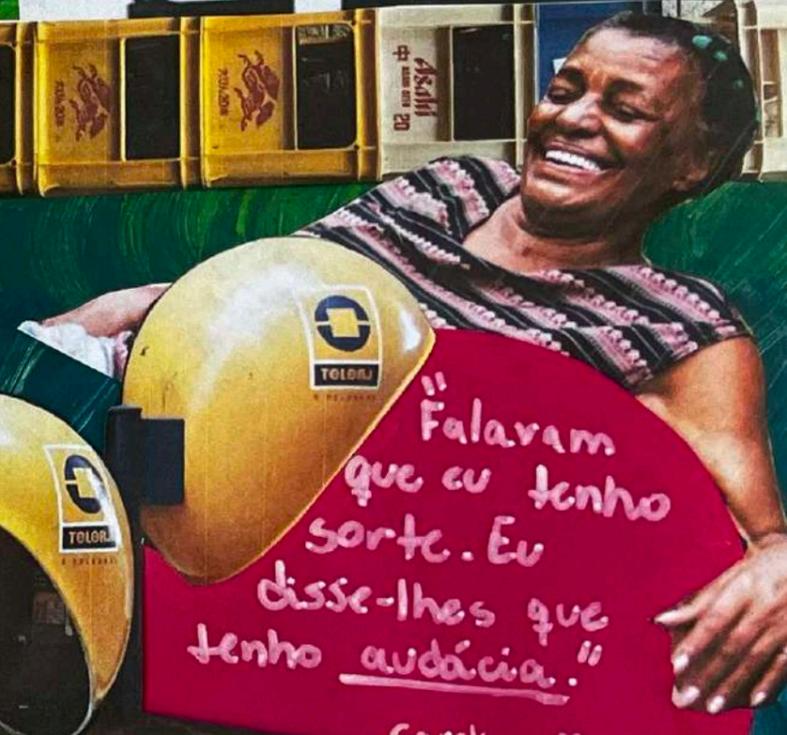
...TO
...OR
...ADE...
...ns

★ GENTS

Caixa Postal 6588
São Paulo - SP
CEP 05019



MADE IN
BRA



"Falaram que eu tenho sorte. Eu disse-lhes que tenho audácia."
Carolina Maria de Jesus

KEEP OUT KEEP OUT

DURO NÃO É O CABELO É O SISTEMA

ME TORNAREI JORNALISTA PARA CHEGAR O MAIS PERTO POSSÍVEL DO CORAÇÃO DO MUNDO.

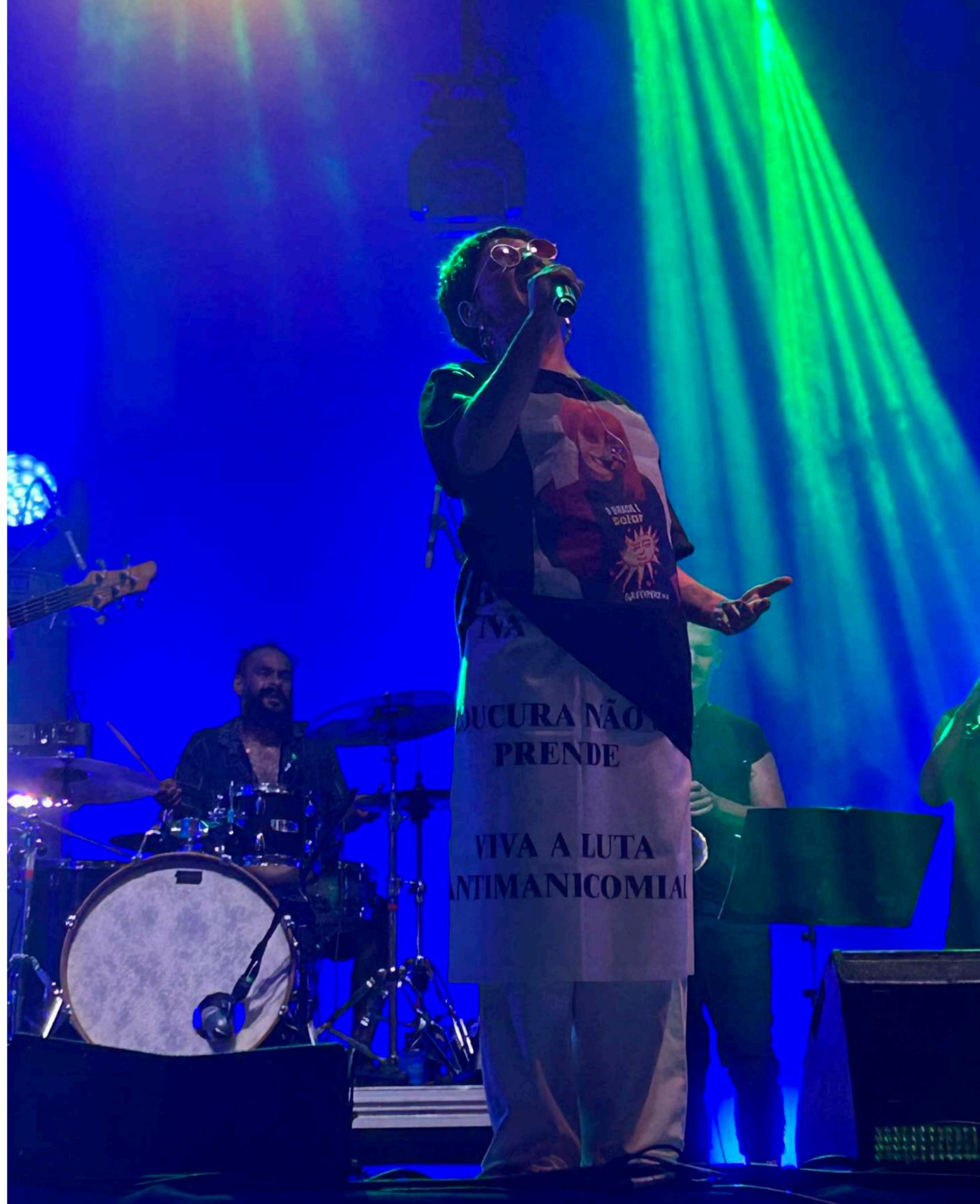
Sensibilização



LAMPARINA E SEU PURO SUCO DE BRASIL

A banda formada em Belo Horizonte que vem conquistando ouvintes em todo o país, por seu estilo próprio cheio de referências à diversidade de ritmos que só o Brasil é capaz de produzir.

Por Lóla Luvizoto
Fotografias de João Santos, Lóla Luvizoto e Marina Vianna



“Abre a roda, abre a roda, abre a roda”, grita Marina Miglio, vocalista da Lamparina, ao som de Pochete, single de sucesso que virou tema de novela. O fã obedece enquanto espera ansiosamente a deixa, o acorde que indica o momento de se jogar em direção aos outros fãs igualmente ansiosos. Quando finalmente acontece, o fã se entrega, sem saber onde, nem com quem vai parar. Uma roda digna das melhores bandas de punk rock. Esse encantamento é somente um dos motivos pelos quais a Lamparina vem conquistando cada vez mais espaço no cenário musical nacional.

Eram 16h de uma quinta-feira quando me encontrei com Marina e Cotô Delamarque, guitarrista e vocalista, na praça Pisa na Fulô, palco dos ensaios de pré-carnaval do bloco de mesmo nome e dona de uma bela vista para a Avenida Bias Fortes. O Sol que se punha, na direção contrária à Serra do Curral, evidenciava esse que, atualmente, é um dos maiores cartões postais de Belo Horizonte. Quando os músicos chegaram, não demorou muito para que os funcionários da pizzaria ao lado colocassem para tocar o hit, *Não me entrego para os caretas*, música marcada pelo uso de gírias muito próprias da cidade, como “facin”, “de rocha” e “Zé”. A homenagem fez com que a conversa fosse pausada brevemente dando espaço para risadas. A entrevista seguiu embalada por outras muitas músicas que compõem o repertório da banda formada por Cotô, Marina, Calvin Delamarque, Stênio Galgani, Bino Carvalho e Thiago Groove.

Ao longo do papo, ficou claro o orgulho dos integrantes em fazer parte de uma banda, em um momento em que a maioria dos artistas estão seguindo a carreira solo e os grupos estão chegando ao fim. Como um representante dessa resistência, Cotô faz seu manifesto: “Ouçam bandas!” E pede para que esse apelo seja escrito na reportagem em letras garrafais. Lamparina é um exemplo de sucesso desse movimento. O encontro dos seis integrantes resulta em um som repleto de elementos e referências aos mais diversos gêneros musicais, sem perder a marca autoral.

Ambos os artistas foram criados em famílias que compartilham da mesma paixão pela música. Ainda criança, Marina brincava de cantar nas rodas de violão com seus parentes e, já naquela época, sentia uns “arrepios diferentes”. Depois disso não teve mais jeito, ela até tentava escapar, mas era sempre puxada de volta. Nos shows da Lamparina, fica evidente que esses “arrepios” ainda acompanham a vocalista a cada música tocada. Na experiência de Cotô, esse caminho se revelou um pouco mais tarde. Apesar de ter um pai músico, o guitarrista só foi se interessar pela ideia de ser artista quando fez parte de uma banda na escola. Em 2017, já na faculdade, acompanhado por seu irmão Calvin Delamarque, participou da criação da antiga “Lamparina e a Primavera”. Com o tempo, mudanças de formação e maior sucesso, a estação do ano saiu do nome, mas a banda não deixou de florescer e cativar um público cada vez maior.

A Lamparina já conta com três discos em seu repertório, *Manda Dizer* (2018), *Zam Zam*

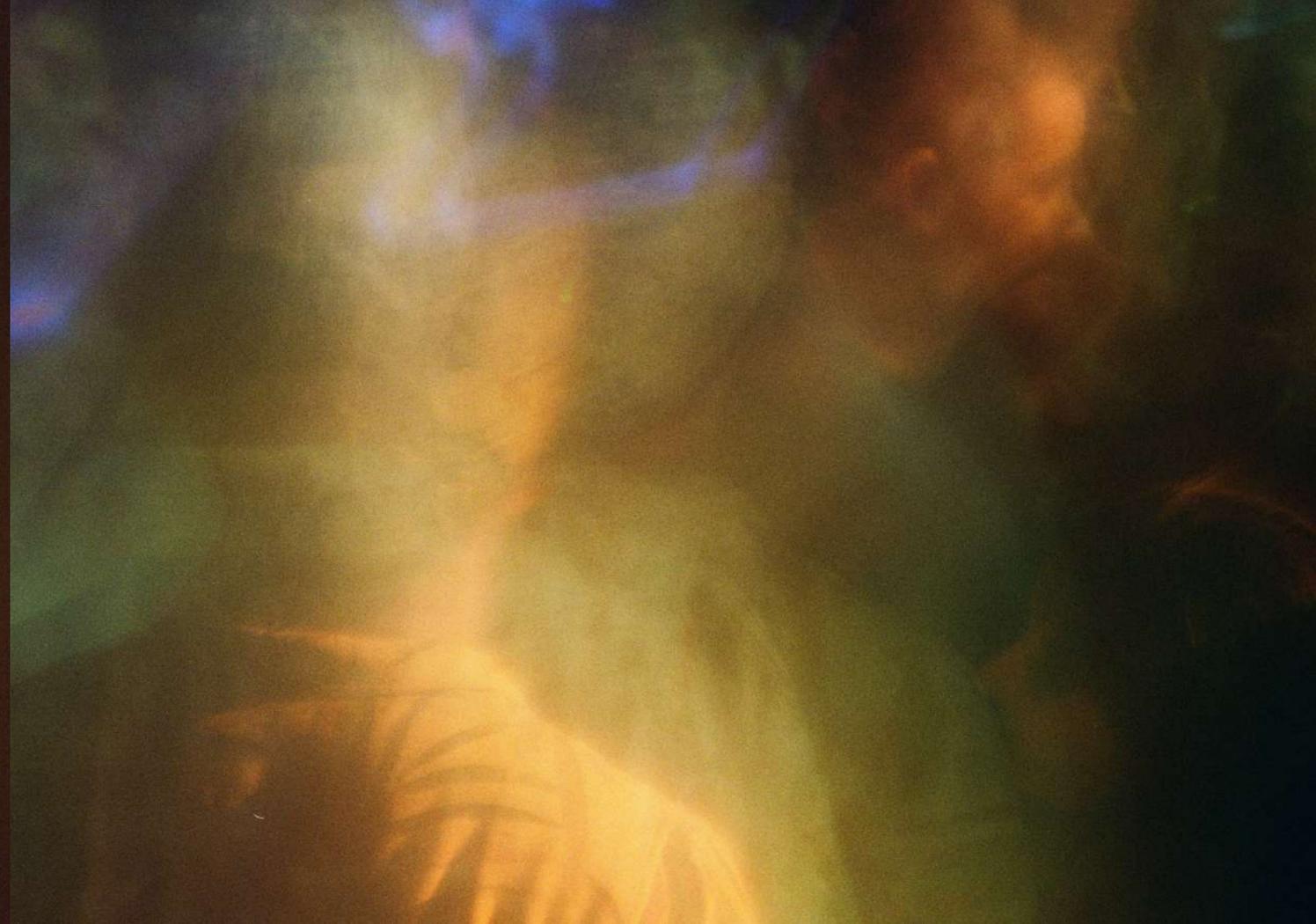
(2021) e *Original Brasil* (2023). Foi com a música Não me entrego para os caretas que o grupo “hitou” ganhando projeção nacional. A composição hoje alcança a marca de mais de 10 milhões de *streams* só no Spotify. Mas de novo, esse é só um dos motivos que explica o sucesso do grupo. Cotô acredita que os fatores mais determinantes são a constância e a construção de um “show foda que é um marco por onde eles passam”, afirma o guitarrista.

Como o nome do último disco lançado, Lamparina sempre foi “Original Brasil”. Os músicos concordam. Marina diz que já achava “o puro suco do Brasil”, antes mesmo de entrar na banda. Cotô, no entanto, pondera: “Acho que talvez a gente já até foi mais. Sem querer, né? Quando a gente começa a criar conceito para as coisas, a gente tem que justificar o que está fazendo e aí a gente viaja muito, né?”. O guitarrista ainda diz que o frescor de algo que está começando pode ser mais imaturo, ou até sem graça, mas é mais desprezioso porque “você faz o que está a fim”. Além disso, Delamarque acredita que a fama e profissionalização podem trazer consigo uma censura à autenticidade, forçando os artistas a se encaixarem em uma lógica de produção daquilo que é mais rentável, que gera mais likes e os torna “marionetes” do mercado. Miglio ainda brinca que o “autotune é o botox das músicas”.

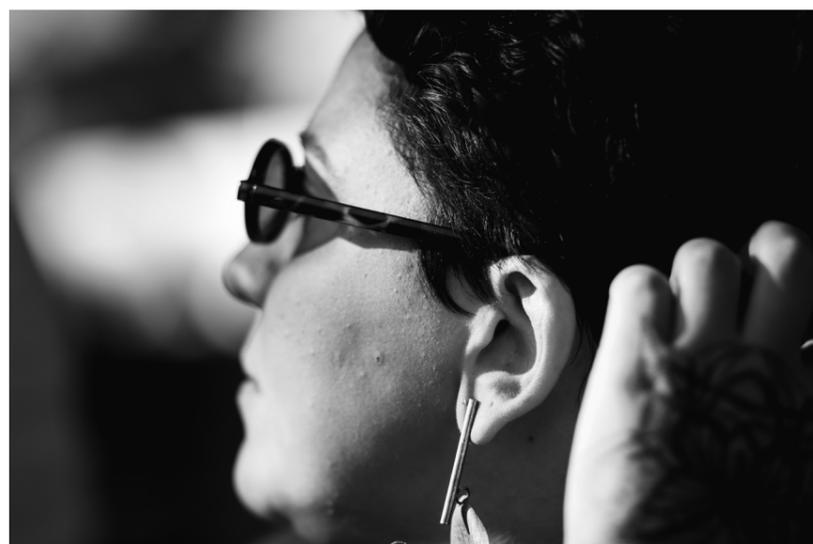
Em um bloco estreado no carnaval deste ano, Lamparina, junto da banda Graveola, levou 35 mil pessoas para a rua. 30 mil a mais do que o esperado. Não poderia ter sido diferente, as músicas são um convite para a folia. O novo álbum traz em cada música, a forte personalidade da banda. A faixa *Sensação*, em especial, parece hipnotizar os ouvintes de forma que todos os corpos entram na mesma dança. A Lamparina também sabe falar muito bem de amor, um belo exemplo disso é a faixa *Medo de Amar*. No show, quando ela toca, é um dos momentos em que as pessoas parecem se conectar em pensamento por compartilharem de sentimentos tão comuns à existência humana. Outro momento emblemático do show é quando Marina levanta uma bandeira com os dizeres: “Lugar de maluco é na cidade, loucura não se prende. Viva a luta antimanicomial”, trazendo visibilidade para essa causa de extrema relevância que enfrenta, além da invisibilidade, o estigma atribuído às pessoas com transtornos mentais e os retrocessos no que diz respeito a tratamentos humanizados. Para os artistas, é evidente a necessidade de ocupar os espaços públicos. Quando a banda começou, Cotô sonhava em fazer um show na praça onde a entrevista aconteceu. Hoje, se fizessem esse show, haveria pessoas na ribanceira, nas árvores, nos telhados das casas e, ainda assim, a praça seria pequena demais.

Foi arrastando sotaque num dedo de prosa e convidando as pessoas para entrarem nessa mistura derramada, mas muito bem feita, sem espaço para os caretas, que a Lamparina chegou conquistando “facin, facin demais” ouvidos e corações Brasil afora. Assim como Delamarque, faço meu manifesto: “Ouçam Lamparina!”









JULIANA DAL PIVA

Uma entrevista com a finalista do prêmio Jabuti de 2023, autora do livro *O negócio do Jair: a história proibida do clã Bolsonaro* (2022) e apresentadora do podcast *A vida secreta do Jair* (2021).

Por Náthaly Escobar
Fotografias de João Santos

Juliana Dal Piva visitou Belo Horizonte para ministrar uma aula inaugural no curso de Jornalismo da PUC Minas, na unidade Praça da Liberdade, em março deste ano. Marquei a entrevista pela manhã, quando o sol ainda se revelava acanhado entre nuvens. Era por volta das 8:12 quando ela me disse que iria se atrasar, mas me convidava para, depois da conversa, irmos juntas para a palestra na universidade. Me encontrei com a jornalista no interior de um café, dentro do hotel em que se hospedava na Savassi, região centro-sul da cidade. Com um tom gentil e seu sotaque catarinense, me dizia: “A tua entrevistada tá toda enrolada”. Juliana me pareceu turbulenta nesse primeiro instante. Era como se, sobre ela, adejasse o mundo inteiro.

Em uma troca de papéis, Juliana me diz não ser uma boa entrevistada, o que se confirmou uma grande mentira. Dal Piva explorou todas as minhas perguntas, ainda sob o olhar de jornalista que parece nunca abandonar, e, como se ainda carregasse a memória da sua versão de estudante da Universidade Federal de Santa Catarina, me aconselhou sobre a gravação e o tempo das perguntas. Se deixou ser vulnerável e, da forma mais humana que pode, me mostrou seu mundo do jornalismo investigativo. Juliana compartilhou seus conselhos como se pudesse reviver suas experiências e lapidá-las, mais madura e segura de si.

Em suas produções, explora a cobertura de direitos humanos, desaparecidos políticos

e, despretensiosamente, é quem ajuda a tecer conhecimento histórico acerca da vida política do ex-presidente Jair Bolsonaro, mapeando a organização de patrimônios em torno do esquema criminoso – e familiar – desse personagem. Juliana Dal Piva é sinônimo de jornalismo audaz e atrevido. Mas, naquela mesa colorida sob luzes amareladas, foi possível vislumbrar a pessoa além da jornalista.

Eu li que você se especializou em entrevistas com militares e esses núcleos que acabam te levando à família Bolsonaro. Eu gostaria que você me contasse como foi esse mapeamento da vida deles e a conexão de tantas pontas soltas.

Então, eu vou voltar um pouco a história. Eu fiz intercâmbio na Argentina. Ganhei uma bolsa para estudar um semestre na Universidade de Buenos Aires, em 2008. Eu fiz História Social Argentina e História Social Latino-Americana. Uma parte da disciplina era justamente sobre ditaduras comparadas. Naquela época, estavam julgando os militares e andar por Buenos Aires era encarar espaços de memórias em qualquer lugar. Tudo isso me marcou muito.

Isso para dizer que, quando eu voltei para o Brasil, no início de 2009, duas coisas me chamaram a atenção: Justiça de transição, que é o trabalho feito pós-ditadura para lidar com esse passado do país, e também temas latino-americanos. O Brasil vive como se



estivesse de costas para a América Latina, o que não tem nenhum sentido. Na verdade, é ruim para o Brasil que o país não se veja dentro da América Latina. Eu voltei com isso e já com essa vontade de me dedicar aos temas relacionados à Ditadura Militar no Brasil, inclusive, porque o Supremo Tribunal Federal ia julgar a constitucionalidade da Lei da Anistia e a Corte Interamericana de Direitos Humanos ia julgar o Brasil no caso Araguaia. O país foi condenado e isso abriu um espaço para que finalmente se criasse a Comissão da Verdade, quase 30 anos depois do fim da ditadura.

Assim, eu começo a me dedicar a pesquisar os temas relacionados à Ditadura Militar e começo a entender que era um tabu entrevistar militares. Tem coisas que só eles sabem que fizeram. Eu comecei a fazer isso, te confesso, de maneira muito ingênua, prematura, meio que na adrenalina também de repórter. Mas eu tinha muita curiosidade de conhecer essas pessoas, de entrevistá-los e também era quase que o flanco novo a ser aberto de investigação.

E aí, eu comecei a estudar pessoas que tinham entrevistado militares. Entrei em contato com o trabalho da professora Maria Celina Araújo e do Celso Castro, da FGV, que se especializaram em entrevistar torturadores. Eu estudo aquilo, começo a tentar entrevistar militares e, é meio que nesse caminho, cobrindo vários temas relacionados a esse período, que eu conheço o Jair Bolsonaro. Isso foi em setembro de 2013. Conheço pessoalmente, né? Porque a figura em si, evidentemente que eu já conhecia.

“Eu vi um pouco do personagem, sabe? E guardei essa memória de que esse cara não era exatamente só isso que ele deixa aparecer.”

Dentro do contexto de investigação para uma matéria sobre o Stuart Angel, eu conto

essa história no meu livro, eu notei o tanto de personagem que ele tinha. Eu estava fazendo a matéria com um colega, o Chico Otávio, do O Globo. A gente nunca escondeu dele que estava investigando os caras que tinham matado o Stuart. Alguns que trabalhavam com ele, inclusive, deram dicas sobre pessoas da Aeronáutica que diziam saber alguma coisa. No processo de investigação você escuta todo mundo, então, eu conheci ele nesse contexto. Eu acompanhei um episódio em que ele estava em um ato no antigo prédio do DOI-Codi, no Rio, em que a Comissão da Verdade queria entrar e os militares resistiram. Ele foi lá causar, criar uma situação. Ele deu um soco em um senador e foi uma confusão que se instalou ali. Depois, mais tarde, eu estava com uma pessoa e ele liga para essa pessoa contando a história meio que rindo: “Ganhei não sei quantos mil votos”, coisa assim. Eu vi um pouco do personagem, sabe? E guardei essa memória de que esse cara não era exatamente só isso que ele deixa aparecer. Não é que ele não seja bruto, truculento, violento, machista, racista e homofóbico. Ele é isso, mas ele também faz um personagem para uma plateia quando ele tem fotógrafo, gente para registrar aquilo.

Aí, passam-se os anos, ele cresce politicamente ali nesse conservadorismo e vai disputar a presidência da república. Eu vejo aquilo acontecer e eu te confesso que não acreditei que iriam cair nesse papo de “antissistema, não sou corrupto”. Aí, no fim de 2017 e começo de 2018, eu comecei a mexer com a história dele. Eu não fui direto investigar o patrimônio e os bens. Eu começo a entender o personagem, a mapear quem ele era, de onde ele veio, quem são os filhos e começo a juntar todas as informações da história dele e também da questão financeira. Aí, a Folha faz uma primeira matéria sobre esse assunto, no começo de 2018, que já mostra alguns aspectos iniciais tanto do patrimônio quanto da Wál do Açai, que era uma funcionária fantasma. E eu continuo tentando me aprofundar nessa história ao longo do ano.

Antes da gente saber do uso do disparo em massa, do volume de *fake news* por grupos de Whatsapp, comecei a investigar isso com outros colegas. Na época, eu estava no O Globo também e eu meio que cuidava dessas frentes todas, como que elas funcionavam. E 2018 foi um ano em que muita coisa deu errado. Deu errado no sentido de tentar investigar e não conseguir chegar em um X, sabe? Mas eu fui coletando muita informação, as coisas começaram a funcionar e a fazer sentido depois do relatório do Coaf que mostrava os repasses pro Queiroz. A partir dali, várias fontes começaram a se abrir mais para contar o que sabiam e permitirem que isso fizesse com que a gente pudesse investigar, com documentação pública, toda a vida dele. Porque ele construiu a vida dele em torno de um esquema criminoso.

Como ficou a sua relação com essas fontes depois da publicação do livro e do podcast?

Olha, depende das fontes. De um modo geral, ficou bem. Porque eu nunca fiz nada contra ou sem autorização delas, estou falando das fontes em *off*. A publicação do podcast é em 2021, foram mais de dois anos para que uma das fontes topasse liberar o conjunto de gravações que saiu no podcast: as gravações da cunhada. Foi muito tempo, muito diálogo, muita conversa, muito cuidado para que ela não fosse identificada, até hoje ela não foi. Tem uma outra fonte que também ajudou com gravações, inclusive, ambas elogiaram muito o trabalho, assim, ficaram felizes com o uso delas em prol da informação pública.

Tem uma fonte, mais especificamente, que eu não consegui mais, sumiu, faz tempo que não tenho notícias. Mas de um modo geral, são pessoas com quem eu convivo ainda. Eu tentei sistematizar muita documentação, eu reuni muita documentação nesse tempo todo, então não sou dependente de uma única fonte. Isso é uma outra coisa que eu

acho que dá muita força para o trabalho.

A imprensa impulsiona muitas demandas judiciais ao expor certos assuntos e cai na questão de denúncia versus jornalismo. Como é fazer jornalismo investigativo, levando em consideração um ponto de vista de limites jurídicos junto da ética da profissão? Eu vi você falando um pouco sobre a questão da Lei da Anistia, na mesa da agência pública, e como essas questões são complicadas de investigar.

É possível. É uma luta, porque a gente como jornalista não tem impedimento nenhum, o que acontece é que é muito árduo. Então, do ponto de vista jurídico, o que acontece é: O Ministério Público Federal, que é quem estava liderando várias dessas investigações, trabalha, investiga, faz os materiais, produz denúncia. O problema é que o judiciário não dá sequência aos processos. Muitos acabam trancados ainda na primeira instância. Eles não processam os crimes e se passam na primeira, logo na segunda já é trancado. E assim vai, se passa na segunda é trancado no STJ, se não é trancado no STJ é trancado no STF. E aí tem uma Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) no Supremo para discutir justamente questões da Lei de Anistia.

O Brasil é signatário de vários tratados de Direitos Humanos que não anistiam determinados crimes, por exemplo, execução sumária em contexto ditatorial, tortura, desaparecimento forçado; tipo o caso do Rubens Paiva; estupro dentro de contexto ditatorial. Esses não são crimes anistiáveis. Os mais graves crimes de violações de direitos humanos que são esses que eu citei antes, não são, em nenhum país que se considera democrático. Por isso que o Brasil assinou esse tratado, só que aí tem que fazer valer, né?

Mas agora a gente está vivendo esse momento triste. O governo Bolsonaro deixou para o governo Lula, o fim da Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos. Ele

extinguiu a Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos, sendo que o Brasil ainda tem pelo menos 210 desaparecidos políticos. O governo Lula, já faz um ano, não recriou e o Presidente da República está dando entrevista dizendo que o passado tem que deixar no passado. É um sinal muito ruim de que não há vontade política, porque tem que haver para fazer que a Comissão volte, que os trabalhos sigam. É aí que está, a questão é mais vontade do que dificuldade, a dificuldade surge no segundo momento. Ao mesmo tempo, estamos lidando com um quase segundo golpe.

E em 2024 fazem 60 anos do início da ditadura.

Este mês! Como se nada daquilo tivesse uma implicação no que está acontecendo, a gente por pouco não repetiu. A ditadura brasileira é conhecida na América Latina, inclusive, por ser uma ditadura que forjou legalidade. Os militares argentinos foram mais brutos e menos preocupados com essas formalidades. Já o Brasil criou uma Constituição naquela época, tinha a tal da Justiça Militar com um monte de regulamentação, norma de não sei do que. E eles estavam fazendo de novo, essas minutas golpistas também são uma maneira de tentar forjar legalidade para um ato autoritário.

A questão da memória é muito importante, muita gente ainda acredita que foi uma coisa tranquila, né? Que o tempo passou e que nada demais aconteceu.

Existe um problema grave também de compreender que a ditadura brasileira pode ter matado uma quantidade menor de pessoas, mas isso não significa que ela foi menos violenta. Muita gente foi torturada, mas não foi assassinada. Existem inúmeras violências inclusive não documentadas, vítimas não reconhecidas.

E sobre as fontes e entrevistas em off

que não foram publicadas, mas deveriam. Como você lida com esse tipo de situação de uma informação muito importante que você sabe que tem um impacto enorme, mas não pode publicar porque a fonte pediu que não publicasse.

O sigilo da fonte é sagrado para o jornalista e é um direito constitucional também. Se você romper um *off*, você está cometendo uma infração ética. Ela é justificada mediante a situações muito específicas, ou seja, se sua fonte estava mentindo para cobrir um crime, sua fonte estava sob risco. Tem que avaliar de maneira muito criteriosa. Eu acabei de falar um pouco que eu negociei maneiras para publicar as gravações que estão no meu podcast por mais de dois anos com uma fonte. Várias vezes ela me disse “não” e todas elas eu respeitei. É por isso que muita gente confia no meu trabalho, confiou em mim. Quando você me perguntou sobre como é a minha relação com as fontes, é tranquilo. Nunca, jamais botei deliberadamente uma fonte em risco.

Jornalistas, em especial mulheres, não podem exercer a profissão sem pensar na sua segurança, sem contar com as censuras impostas, não por desinformação, mas pressionarem poderes maiores. Como você pensa que isso reflete no entendimento da sociedade sobre a real democracia e de que maneira você minimiza os riscos do seu trabalho?

A gente estava falando sobre o passado autoritário aqui e eu já nasci na democracia, me tornei jornalista na democracia, estudei o período ditatorial, então soube como eram as coisas naquela época e te confesso que nunca achei que a gente ia viver as coisas que a gente viveu. Sobre tudo, nos últimos cinco anos, nunca achei que eu, profissionalmente, iria me ver ameaçada por fazer meu trabalho, pelo advogado do presidente da república, trabalhando em um veículo nacional. Porque



a gente estava “acostumada” a conviver com violência, infelizmente, no interior do Brasil. Porque o Brasil é um país continental e no interior é muito inseguro para jornalistas. Eles são assassinados em vários lugares em regiões de fronteira e por mais que se tente dar algum tipo de proteção via Abraji, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, ou mesmo acionando autoridades, ainda assim muitos jornalistas morrem. Não era comum ver isso em veículos nacionais, em coberturas nacionais. O cara está muito mais exposto para fazer esse tipo de situação. Foi um período violento, em grau absurdo para nós mulheres. Não foi só comigo, várias colegas sofreram exposição, difamação, calúnia, doxing. A sensação que dava era: “Quando vai ser a minha vez? Vai chegar, né?”. Na medida em que eu comecei a trabalhar com isso, evidentemente que esses pensamentos passavam pela minha cabeça.

Eu fui tentando me proteger, tentando minimizar o dano para quando o dano chegasse. Fui protegendo a minha família, pedindo para minha família mudar o nome em rede social, para não me seguir mais, para não escrever nas minhas redes sociais. Quando minha mãe escreve eu vou lá e bloqueio ela, apago os comentários dela, dos meus irmãos também. Mas eles me apoiaram muito durante todo esse trabalho, muito mesmo. Se não fosse o apoio da minha família, com certeza, eu também não teria conseguido. Nenhum dia eles me disseram para não fazer alguma coisa. De vez em quando o meu pai, acho que ele era o mais preocupado, falava assim: “Mas minha filha, você tem certeza que está tudo bem?” E às vezes tinha que mentir, falando: “Ah, tá sim”. E eu nem sei se estava.

“É horrível lidar com essa situação e, também, ver sua família passar por isso, além de se ver frente ao judiciário buscando justiça com gente que duvida da sua palavra”

Assim, eu não quero encorajar, até porque essa entrevista é para estudantes, ninguém aqui a virar mártir. Eu mesma, quando não tenho segurança para fazer minhas reportagens, não faço. Não vou a lugares onde eu não me sinto segura, não faço matérias para botar fonte em risco, não faço matérias em que eu sei que eu estou em risco deliberadamente. Mas eu também exercito a prática de tentar não fazer autocensura, ou seja, eu não vou deixar de fazer uma matéria porque eu estou com medo de que aconteça alguma coisa. Se eu souber concretamente que tem alguma coisa, ok, mas se não, não. Você lida com essas situações com responsabilidade.

A situação que aconteceu comigo, eu tive que tomar as providências que a situação me exigia. Fui na delegacia, registrei o boletim de ocorrência, processei criminalmente. É horrível passar por essas situações, toma tempo da sua vida, toma energia da sua vida. As pessoas falam, às vezes: “Ah, é um jornalista ameaçado”. E tem gente que te vê e te olha como se isso fosse uma coisa que engrandecesse o seu trabalho, não mesmo, é tudo horrível. Tudo isso é horrível. É horrível lidar com essa situação e, também, ver sua família passar por isso, além de se ver frente ao judiciário buscando justiça com gente que duvida da sua palavra. O que aconteceu comigo é público e ainda assim tinha que reafirmar: “Olha, eu fui ameaçada”. É a velha história da palavra da mulher que não vale.

Eu me vi nesse lugar, não desejo a ninguém. Gostaria de falar só sobre o meu trabalho, não ter que falar sobre essas coisas, mas infelizmente eu fui parar nesse lugar. E não só violentada pela situação em si, mas depois condenada por denunciar a ameaça, que foi uma decisão esdrúxula dada em primeira instância e que me tomou daí muito mais tempo da minha vida no ano de 2022 até abril do ano passado, para reverter o caso em segunda instância. Por muitas vezes, eu achei que não seria possível, porque de fato conheço o judiciário. Cobrindo o judiciário sei como essas coisas são. Então assim, teve

um trabalho muito importante da minha equipe de advogadas, mas não foi só isso, também teve outros, também fui alvo de censura na campanha presidencial por causa da matéria dos imóveis. O Flávio Bolsonaro entrou com uma ordem de censura e um processo de calúnia e difamação contra a gente, o que não tinha motivo e nem base jurídica alguma.

Sobre espaços entre jornalismo e ativismos, quando é necessário se posicionar e quando neutralidades não são bem-vindas?

Somos uma democracia e uma das coisas que assegura que o Brasil é uma democracia é a Constituição Brasileira. O cumprimento da Constituição Brasileira. Um documento que foi feito com problemas, questões, dificuldades, mas discutido com a sociedade, com representantes da sociedade, eleitos para isso. É o que nos garante esse Brasil que a gente conhece hoje. Mas a democracia é uma construção e é fazendo valer os direitos da Constituição de algum jeito que a gente faz com que o Brasil seja uma democracia. A gente, como jornalista, em nenhum momento abre mão de ser cidadão. Então, todas as vezes que a Constituição está em risco, esse é um momento em que o jornalista é ativista. A gente é ativista dos nossos direitos.

“Todas as vezes que a Constituição for atacada, é um momento em que a gente, como repórter, não deixa de ter que defender”

Uma democracia não é a defesa da maioria, é a defesa do que está na Constituição. A Constituição defende a existência dos direitos iguais às minorias, ao reconhecimento de uma série de direitos para que se incluam as minorias, por exemplo. De algum jeito, a ideia do que são os direitos humanos foi totalmente deteriorada. Isso significa um direito de todas as pessoas,

não é de meia dúzia, é de todo mundo. E as pessoas não têm consciência do tanto que é direito delas, de todas elas. Todas as vezes que a Constituição for atacada, é um momento em que a gente, como repórter, não deixa de ter que defender. Quando tem alguém que ataca a existência do Estado Democrático de Direito, como é que você vai dar espaço aos dois lados? Não existem dois lados de um ataque à democracia existente em si. Não existe. Você não vai fazer panfleto, o jornalista não é integrante de partido político, mas a defesa dos direitos faz parte do nosso trabalho. Inclusive, quando você se formar e for fazer o seu juramento como jornalista, você vai ver o que está no seu juramento: a defesa dos direitos humanos.

Eu acho que não é difícil de entender. É que existe uma tradição de defender a ideia da imparcialidade pelo que vem da escola americana, que é muito equivocada, porque lá nos Estados Unidos existe o tal do *freedom speech*, tudo liberado. O discurso de ódio está liberado pela interpretação da Suprema Corte dos Estados Unidos. Lamento por eles, aqui no Brasil não, não é assim. Aqui no Brasil, o discurso de ódio não está abarcado na Constituição brasileira, nem por decisão do Supremo Tribunal Federal e a interpretação da Constituição. Aqui, ser racista é crime e dá cadeia, entendeu? Eu lamento por quem não sabe disso. Tem muita coisa que a gente não pode olhar como pura e simples.

Você alcançou as expectativas em relação a dimensão do que você produziu? Atingiu o que esperava?

Essa é uma pergunta bem fácil de responder. Eu não fiz nada esperando uma dimensão. Eu nunca achei que a PUC Minas ia me convidar para vir aqui falar na aula inaugural do curso de Jornalismo. Isso não foi uma coisa que eu imaginei. Nunca imaginei que meu livro ia entrar na lista de *best seller*, que ia ser finalista do Jabuti, que meu podcast ia chegar em tanta gente.

“Não estava preocupada com métrica. Eu estava preocupada com a importância do trabalho, com a relevância dele, com o porquê de estar fazendo aquilo jornalisticamente.”

Quando eu estava fazendo, eu só estava preocupada em entregar o melhor trabalho possível. Não estava preocupada com métrica. Eu estava preocupada com a importância do trabalho, com a relevância dele, com o porquê de estar fazendo aquilo jornalisticamente. A gente não tem esse controle sobre o quanto as pessoas vão gostar ou não vão gostar. Quando a coisa é muito comercial, não está conectada com a necessidade, com as urgências, com o que as pessoas querem conhecer, não vai dar certo.

Eu acho que eu consegui fazer um trabalho muito bom, eu tenho essa consciência de que o meu trabalho foi muito importante. Uma coisa que fugiu muito do meu controle e que me surpreendeu bastante, eu me emocionei, foi ver que o meu livro não é mais meu, que ele foi... Viagrou. Agora ele é das pessoas e por mais meu filho que ele seja, ele foi pro mundo.

Tem uma dimensão humana que eu gosto de falar, não é pra me autorreferenciar, nem me fazer vítima de nada, é mais pra poder dar uma dimensão humana disso. Eu continuo sendo a Juliana, né? Eu não conseguia lidar com tantas coisas ao mesmo tempo. E aí, o ano passado, quando eu fui finalista do Jabuti, eu não conseguia nem acreditar nisso, eu não conseguia me ver como escritora até então. Eu me lembro que quando saiu a final, a lista dos cinco finalistas, eu fui pela primeira vez na minha vida na Flip, de Paraty, tinham vários escritores e eu pensei: “Gente, eu fiz um livro também”. Eu também sou escritora. Eu não tinha me ligado, juro pra você. Eu gosto muito de ter os dois pés bem no chão o tempo todo. Que bom que esse foi um trabalho que ficou marcado para as pessoas conhecerem a história do ex-presidente da república, que

elas conseguiram absorver tudo isso. Mas eu tô muito consciente de que eu continuo tendo que trabalhar, eu continuo tendo que entregar, que eu não sou melhor do que ninguém. E essa dimensão humana de que as pessoas às vezes olham para mim e falam: “Ah, você é muito corajosa”. Não, eu acho que eu tive que ter doses de muita coragem em alguns dos momentos, mas também foi com muito medo de estar fazendo tudo certo, do que ia acontecer, você não tem o controle.

Eu passei muito tempo trancada em 2022, trabalhando muito de casa. Mesmo já num período mais tranquilo da pandemia. E aí, no ano passado, eu comecei a viver de novo, né? E aí, eu comecei a lidar com essa imagem que algumas pessoas faziam de mim, como se eu fosse... Sei lá, né? Alguma coisa tipo... Inquebrável. Não! Eu sou extremamente humana e falível. Eu não gosto de reforçar essa imagem da mulher super forte, porque não... Eu não sou assim. Na verdade, ninguém é. Mas algumas pessoas gostam de reforçar essas imagens, né? Mas não ajuda a construir nada.

A gente fala muito sobre as questões éticas, profissionais, dificuldades e uma coisa que cada vez mais as nossas gerações precisam superar é a ideia de que trabalhar bem é trabalhar muito, é trabalhar exaustivamente. As gerações anteriores à minha cultuavam muito viver dentro da redação fumando e bebendo, inclusive. E... Não, sabe? Não. Eu gosto de trabalhar muito. Adoro trabalhar, mas eu gosto de malhar, eu quero ter tempo para estar com a minha família, com os meus amigos, pra ir no samba. E isso são coisas que fazem com que a gente trabalhe melhor. Ter qualidade de vida, viver não é só trabalhar. E essa é uma coisa que acho que desde a faculdade as pessoas precisam entender. O que não significa não se dedicar ao trabalho, tem que se dedicar, só não dá pra viver em função disso.

Uma parte significativa da população brasileira gostaria que o governo anterior permanecesse no poder e são extremamente

críticos aos jornalistas que são abertamente não apoiadores dele. Como você equilibra isso à sua imagem pública?

Eu não procuro validação dessas pessoas para o meu trabalho, mas eu também não procuro validação das pessoas que se identificam com o meu trabalho por uma questão ideológica. Voltando à sua pergunta anterior, inclusive, quando você me perguntou como é que a gente separa o que é ativismo. Jornalista não é integrante de partido político, você não faz trabalho partidário. É isso! Eu não fiz um trabalho partidário. Eu não fiz um trabalho político. Eu fiz um trabalho de repórter. O que eu procuro é a validação da informação correta. Se as pessoas gostam do meu trabalho por causa disso, ótimo. Por exemplo, na semana em que eu fiz a matéria mostrando que o Ministério das Mulheres executou menos de 20% da verba no ano passado, pô, um cara me mandou: “sua intrigueira”, no Twitter. Achei engraçado. Aí eu falei: “Ah, tá, né? Então falar de política, criticar o governo atual, um problema de gestão ali, é ser intrigueira”.

“Eu tento lidar isso com sobriedade, com tranquilidade. Continuo sendo a Juliana, eu sou essa pessoa aqui, de um modo geral.”

Não é por aí, eu falei aqui sobre o problema do Ministério dos Direitos Humanos não ter sido recriado. É um dos principais trabalhos, eles terem que recriar a Comissão de Mortos e Desaparecidos. É muito grave que isso não esteja sendo feito, inclusive, para a base política que elegeu o presidente Lula. A gente não está aqui nem para criticar por criticar, nem para aplaudir por aplaudir, e não está esperando o aplauso das pessoas. Eu não me desespero pelo linchamento e pelas críticas. E eu também não acho que eu sou a melhor pelos elogios. Eu acho que teve muito carinho sincero que eu recebi, sobretudo, depois do livro. Teve gente que

me levou presente, entre outras coisas. Poxa, isso são coisas que me comovem. Meu livro foi até pirateado no final de semana antes do lançamento físico, inclusive. Ele tinha sido lançado virtualmente, o e-book foi pirateado no sábado antes do lançamento que era na segunda-feira. Eu sei que ele também foi usado como instrumento político, mas é isso, é o filho que foi pro mundo, eu não tenho controle.

Eu mantenho os dois pés no chão, não me deixo contaminar pela ideia de ter que agradar ninguém por agradar. Eu tento lidar isso com sobriedade, com tranquilidade. Continuo sendo a Juliana, eu sou essa pessoa aqui, de um modo geral.



TEXTOS CRUEIS DEMAIS PARA SEREM LIDOS RAPIDAMENTE ONDE DORME O AMOR

IA E O
ESTIGATIVO

IGOR PIRES

NEGRÃO
NPAVAVR

MAU (Movimento
por você, Luiz Gonzaga Jú-
Blanc e César Costa Filho. Mu-
o que isso significou?
IVAN — No terceiro festival uni-
versitário, em 1970, resolvemos formar
um movimento porque a gente acontecia
desconhecidos de novo. Já que não tí-
nhamos um veículo poderoso que proje-
tasse a nossa música, resolvemos nos projetar sozi-
nhamos um veículo poderoso que proje-
tasse a nossa música. Eu me ba-
dei no MAU. Eu estava di-
spondo a me e perbi q

mudou e eles passaram a ser
forma de massificação, como
de valores culturais. A partir de
passaram a ser grandes comerciais
em vez de 20 minutos duravam três horas.
Hoje, a pressão econômica é tão dominan-
te, violenta, que se transforma no 1º
item. O item arte fica em último.
MÚSICA — Você compõe há exa-
tamente 10 anos. Conseguiu um sucesso
rápido e pesadas consequências. Com
era e como é sua música?
IVAN — Até 1973, a composi-
ção para mim era vista basicamente
o ponto de vista musical. Ou seja, a le-
seria um complemento ao qual eu
dava muita importância. Eu me ba-
dei na harmonia e na melodia. Isso é
porque eu havia sido
ano, comecei a me
Eu estava di-
spondo a me e perbi q

do perdão
são as rachaduras na terra
que fazem os rios
se tornarem grandes

o fim em doses
homeopáticas
por Igor Pires

TEXTOS
CRUEIS
DEMAIS

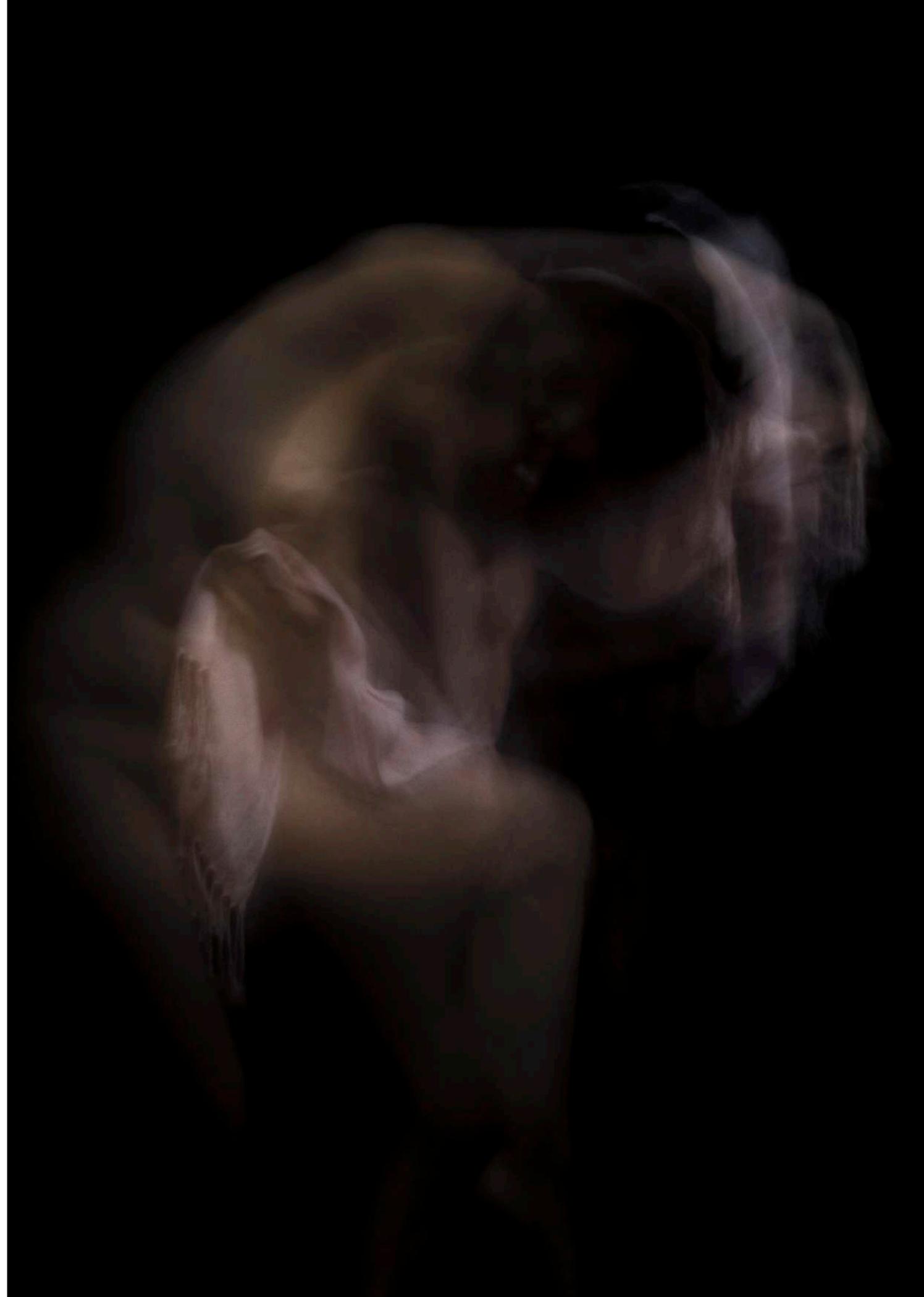
FALAVAM
QUE EU
TENHO COR



EXPERIMENTO DO CORPO

Íris Segundo
Luís Siqueira e Luiza Gonçalves
Stephen Gomes e Gabriel Werneck

Curadoria: Bruna Mibielli











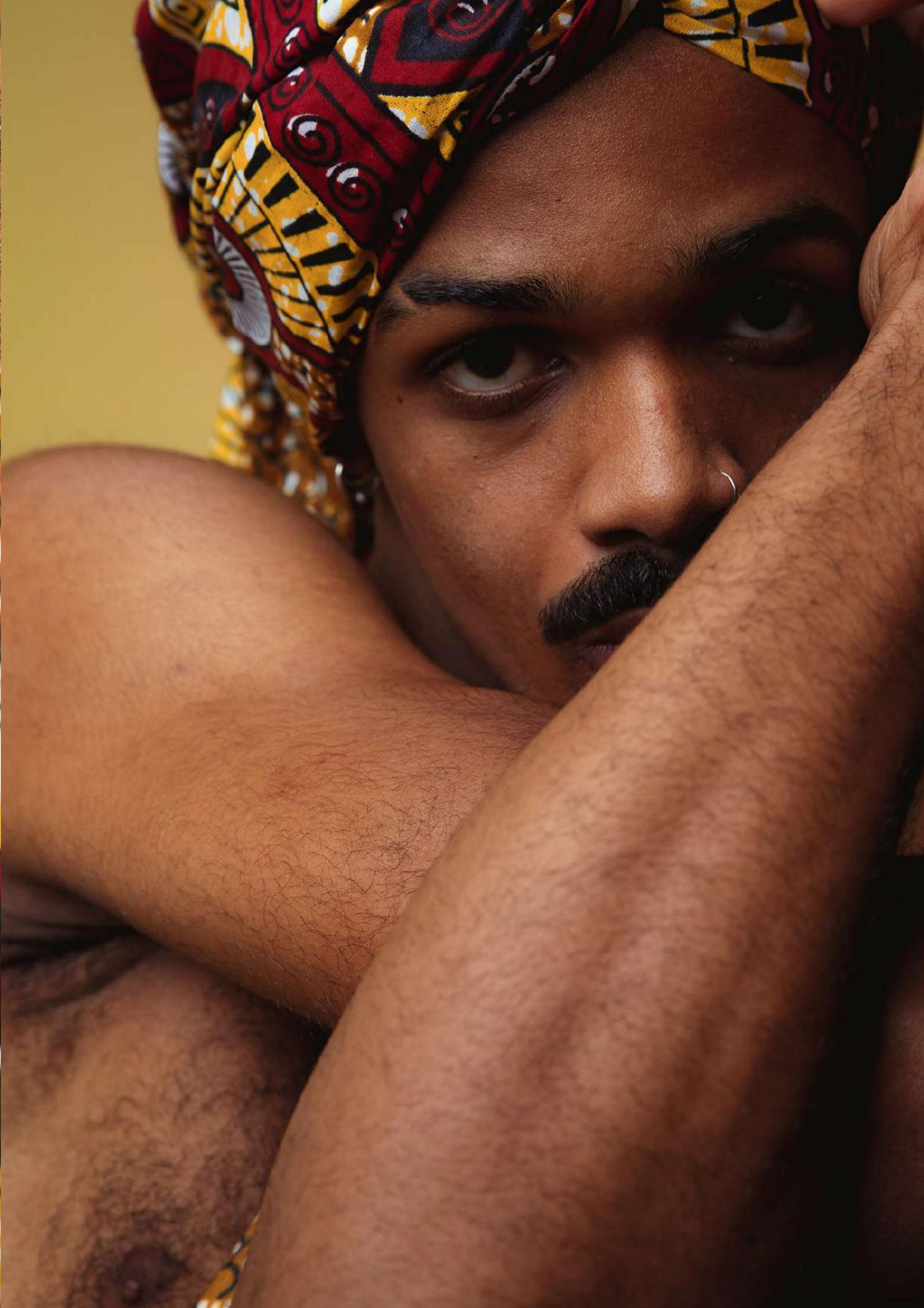


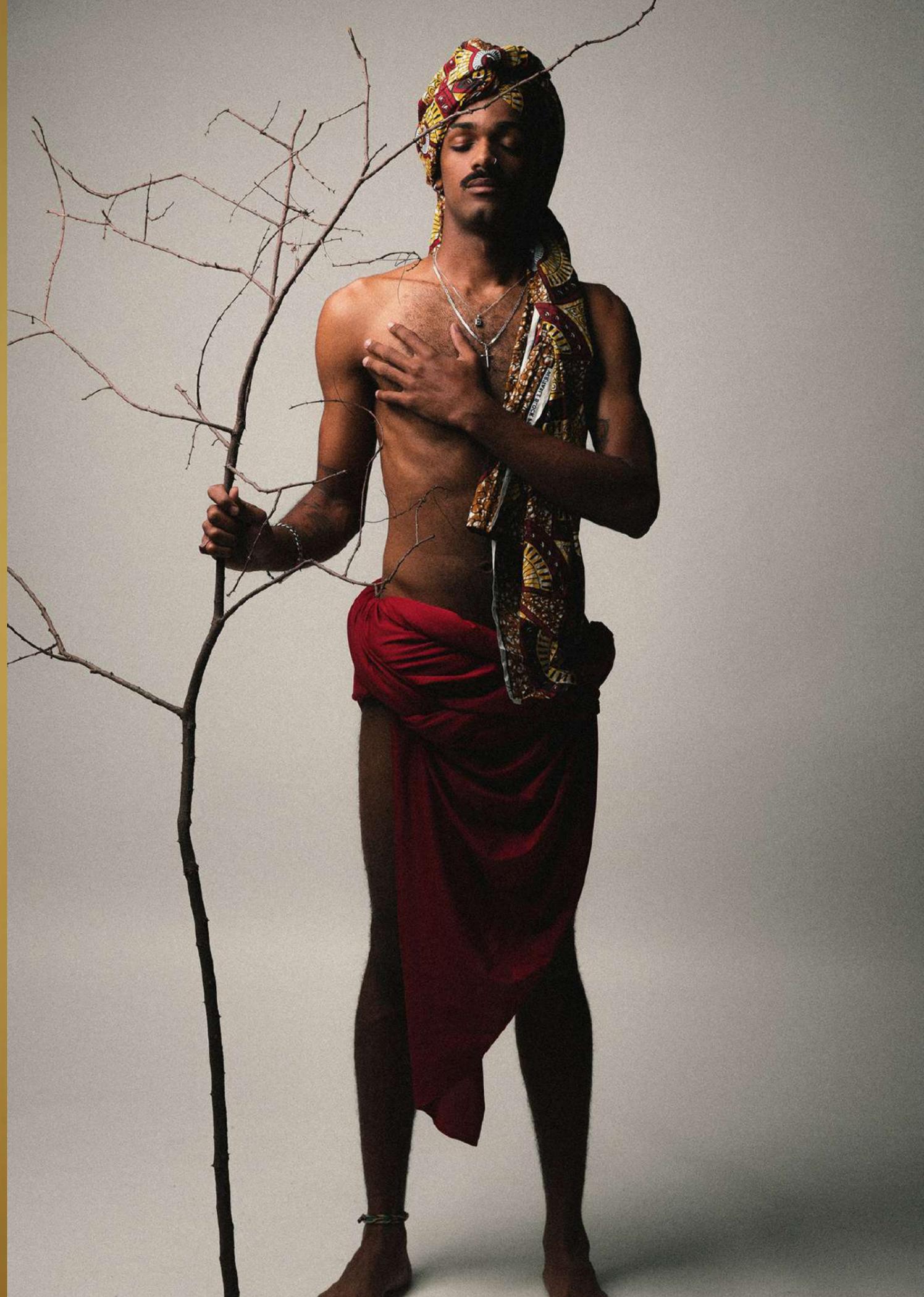
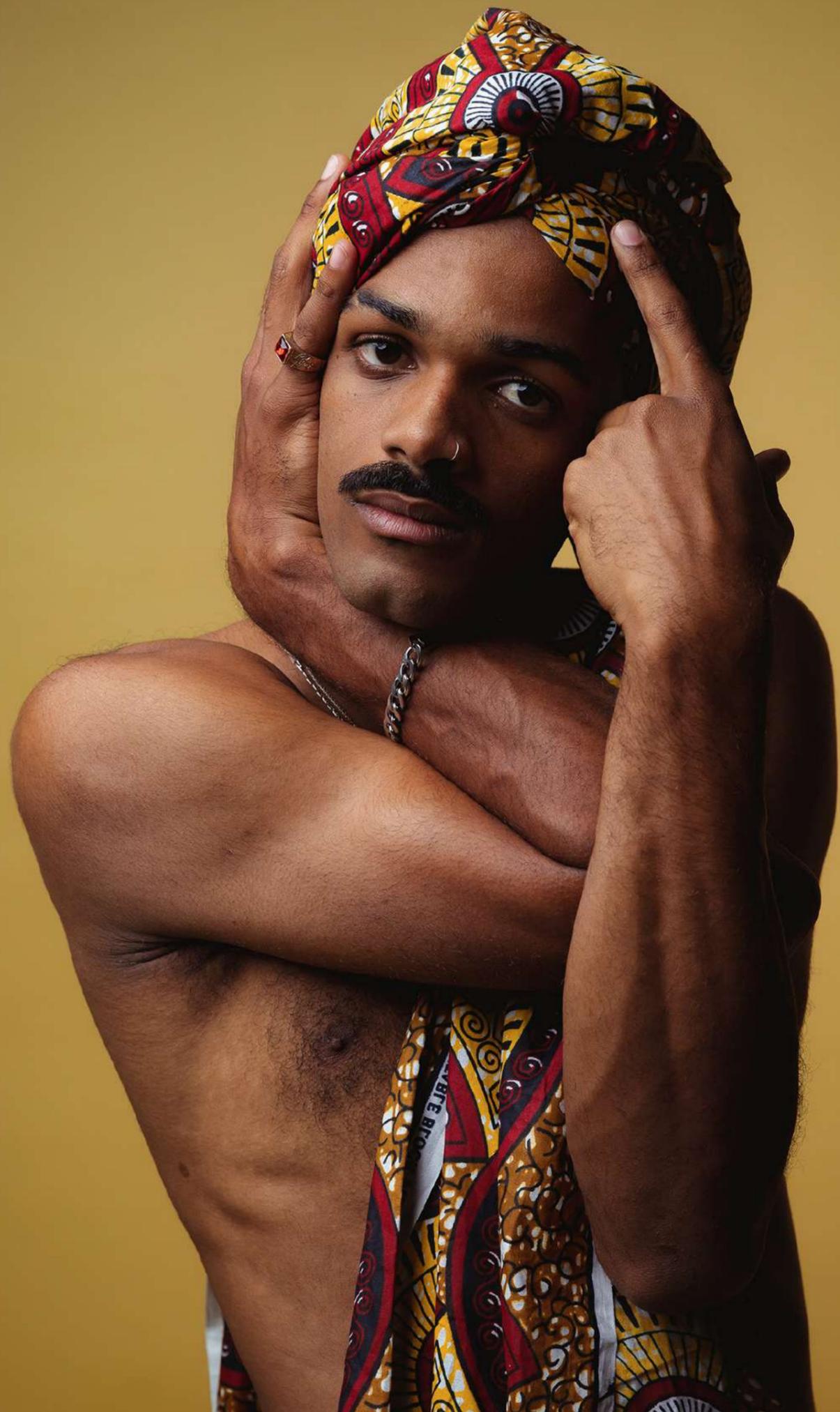












Interior

Técnica: fotografia digital
Ano: 2018

Íris Segundo: Produção geral

Desses últimos dias

Técnica: fotografia
Ano: 2024

Luís Siqueira: Produção, figurino, iluminação
Luiza Gonçalves: Fotografia

Ancestrais

Técnica: fotografia
Ano: 2022

Gabriel Werneck e Stephen Gomes: Direção criativa
Gabriel Werneck: Fotografia e edição
Stephen Gomes: Modelagem

O corpo é um potente instrumento de experimentação. É com ele que nos colocamos no tempo e no espaço e, nesse devir, ressignificamos as nossas experiências de mundo. Isso a que chamamos tempo, no qual vivemos, há experiências do passado, momentos do presente e inclinações ao futuro. Estas imagens são evocadas a todo momento nas durações da vida e isso torna o presente muito expandido.

Nos ensaios fotográficos que trago nesta curadoria, observamos corpos transeuntes no tempo expandido. Os artistas buscam na cultura como um todo e em suas bagagens individuais, possíveis representações, projeções do corpo no espaço. O corpo sabe-se a si mesmo por meio da sua experiência no espaço. A atividade artística trata da conquista do território físico e a transforma, a todo momento, em território poético. O habitar que nasce em cada um dos ensaios é uma marca da presença do artista no mundo e na cultura à qual pertence. É um gesto criativo, afetivo e fenomenológico. O corpo faz-se, dessa maneira, também uma imagem.

Em *Interior*, Íris Segundo apresenta um corpo em fuga. O corpo de Íris se arrasta pelo plano têmporo-espacial e isso é muito particular da técnica que a artista escolhe trabalhar, usando velocidades de obturador bem baixas. O clique, arrastado no tempo, retarda também o registro, formando um rastro. Isso causa transfigurações e deformações que a artista deseja representar. Na mesma proporção do incômodo que sugere ao espectador é suave e gentil. Uma bela figura baconiana que se debate, não encontrando lugar de repouso.

Em *Desses últimos dias*, Luís Siqueira, contando com a parceria de Luiza Gonçalves, constrói um ensaio misterioso, no qual um corpo se transforma em besta e habita um espaço lúgubre, desenvolvendo uma narrativa íntima com o próprio lugar, seus móveis ruinosos, sujeiras e acúmulos. Nesse porão, a besta troca olhares com o espectador. Esse olhar, por vezes tão frontal, confronta-nos. Ele vem caminhando para perto de nós e nos convoca, quando aponta-nos o dedo. A máscara, artesanalmente construída para o ensaio, dialoga com tantas tradições nossas: de papangus nordestinos a parangolés de Oiticica. Uma máscara a encobrir a identidade recontextualiza o ser, permite encarnar o personagem. Ela é um instrumento ritualístico e ancestral.

Em *Ancestrais*, produção de Stephen Gomes e Gabriel Werneck, é evocada a cultura africana e da diáspora para apresentar e festejar o corpo negro revisitado na fotografia. Em um ambiente de estúdio, frequentemente utilizado pelos dois artistas, servem-se do pensamento cinematográfico, dirigindo a cena modelada, cuidadosamente, por Stephen. Trazem, na direção de arte, estudo de cores, texturas e formas que remetem à padrões africanos, remontando, a partir desses elementos, uma paisagem afetiva do homem negro em solo de origem. A beleza negra é, no ensaio, uma posição conceitual e estética, sendo uma escolha também política, na busca por organizar saberes e visibilizar culturas.

A fotografia, portanto, permite aos artistas uma visita ao próprio corpo e seus lugares no mundo. Eles se metamorfoseiam, transfiguram, ao mesmo tempo que se redescobrem. Nessa curadoria de uma exposição imaginária, as imagens, seres elásticos, percorrem o presente expandido, acessam meandros da imaginação e da realidade. Nesses movimentos, têmporo-espaciais, convocam os espectadores a visitarem suas próprias memórias e ressignificar o material aqui apresentado.



A HERANÇA DO MODERNO À MINEIRA

O legado do mestre e artista Alberto da Veiga Guignard segue vivo 80 anos após sua chegada em Belo Horizonte

Por Lóla Luvizoto, Luiza Gomes e Náthaly Escobar
Fotografias de João Santos

Visitamos, em um dia quente da capital mineira, a Grande Galeria Alberto da Veiga Guignard no Palácio das Artes, ocupada pela mostra *A Paixão Segundo Guignard*. A nossa visita ao local antecedeu a entrevista que faríamos, naquela mesma tarde, com o curador da exposição e artista plástico, Paulo Schmidt, juntamente com a artista e professora Cláudia Renault. Comemorando os 80 anos da Escola Guignard - UEMG, a exposição contava com obras do pintor e professor Alberto da Veiga Guignard (1896-1962) e de seus alunos. De acordo com Paulo, “houve um consenso desde o início de que a exposição deveria homenagear o modernista como figura principal, o iniciador desse processo. Queríamos o Guignard e seus alunos, aqueles que tiveram contato direto com ele”.

A Paixão Segundo Guignard carrega as memórias da criação da Escola, além de apresentar o artista como professor à frente do curso de desenho e pintura. Em visita à exposição, foi possível percorrer o caminho traçado pelas primeiras gerações formadas pelo mestre modernista, observando obras renomadas de instituições e coleções particulares que incluem artistas como Amílcar de Castro, Laetitia Renault, Sara Ávila, Maria Helena Andrés, entre outros nomes da mesma geração.

Em 1944, entre uma série de mudanças empreendidas por Juscelino Kubitschek, na época prefeito de Belo Horizonte, com a intenção de acompanhar a modernização corrente no país, Guignard é convidado para dirigir a antiga Escola de Belas Artes. O artista começa a dar aulas e conquista o prestígio da alta sociedade belo-horizontina. Neste momento, sua escola também atuava como um centro de enriquecimento humanístico, cumprindo um dos objetivos almejados por JK, na sua missão de ampliar perspectivas modernas na cidade. Um ano após sua criação, a escola se funde à Escola de Arquitetura no Instituto de Belas Artes de Belo Horizonte. No entanto, Guignard era contrário ao aparelhamento da sua escola ao Sistema Nacional de Educação, em função da decorrente rigidez burocrática que acompanha tal processo. Seu curso era livre, avesso às regras dos manuais e currículos de ensino de Belas Artes, o professor não fazia chamadas e preferia ministrar suas aulas em meio à natureza. Guignard lecionou com o intuito de educar o olhar de seus aprendizes. Sua visão não acadêmica sobre o ensino e o compromisso com a liberdade artística de seus alunos, além de suas obras, o consagraram após a sua morte como um dos principais artistas modernistas brasileiros.

Com o fim do mandato de Juscelino, a escola dirigida por Guignard, conhecida como Escola do Parque, passa a sofrer com cortes de investimentos e é despejada do local onde funcionava dentro do Parque Municipal. O artista e seus alunos, então, ocupam o porão do prédio que viria a se tornar o Palácio das Artes, cuja obra estava interrompida e abandonada. “Eles chegam lá e encontram: ‘ó aqui tem um teto, tem um chão, vamos entrar aqui’. E foi onde a escola ficou por mais de quarenta anos”, diz Paulo Schmidt.

Em 1994, é inaugurada aos pés da Serra do Curral a atual sede da Escola Guignard - UEMG, rebatizada após a morte do artista em sua homenagem. Após 80 anos, a escola ainda enfrenta dificuldades para se

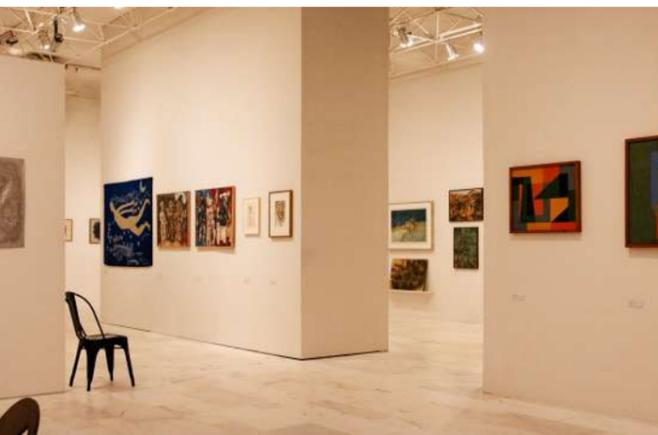
Fachada do Palácio das Artes, exposição *A Paixão Segundo Guignard*.



Claudia Renault em seu atelier.



Paulo Schmidt no atelier de Claudia Renault.



Exposição A Paixão Segundo Guignard, Palácio das Artes

manter, como pontua Cláudia Renault: “A escola é mantida até hoje, por amor, pelos alunos diretos de Guignard, e isso continua”.

Os alunos da Escola do Parque

Nos trabalhos realizados pelos alunos do artista, presentes na exposição, é possível identificar os ensinamentos de Guignard, embora cada um tenha a sua própria identidade e processo criativo. Entretanto, como destaca Paulo Schmidt, obras como as de Sara Ávila, por exemplo, revelam elementos da “paisagem guignardiana”, ao mesmo tempo que demonstram como a artista “alcançou uma linguagem própria, das manchas e das flotações que não tem nada a ver com o Guignard”. Segundo Schmidt, artistas como Arlinda Correia, “tem muito do Guignard”, da mesma forma como Petrônio Bax expressa a influência de seu professor nas suas pinceladas e nas suas concepções decorativas.

Alguns dos ensinamentos de Alberto da Veiga Guignard são perpetuados até os dias atuais na Escola Guignard. A utilização do lápis duro é um exemplo marcante do modernista. Ao invés de temer a rigidez do instrumento, Guignard via nele a oportunidade de aprendizado. O lápis duro marca o papel, sendo difícil de consertar com a borracha. Por isso, Guignard acreditava que era com os erros que se aprendia. Arnílcar de Castro, escultor e aluno de Guignard, dizia que o erro devia ser incorporado e que ele também fazia parte do acerto.

Cláudia Renault revela em um determinado momento da conversa, um pouco do que sua irmã, Laetitia Renault, contava sobre suas experiências com o professor: “Guignard levava livros para mostrar para os seus alunos, a história da arte. Laetitia conta que não tinha livro em Belo Horizonte, não tinha livraria nos anos 60 e Guignard então levava os livros dele. Às vezes, arrancava do livro umas reproduções para colocar na parede, para mostrar o que é uma arte de qualidade”, relata Cláudia.

Guignard apreendia o mundo a sua volta, devolvendo-o por meio do desenho. O pintor incorporou em Minas, a criatividade de perceber, observar e sentir o que está ao redor, formando gerações de artistas e professores. O curador fala sobre uma história contada a ele por Jarbas Juarez, artista e aluno de Guignard que, em uma aula na rua em Sabará, estava pintando uma tela, quando o professor chegou avaliando o seu trabalho: “Guignard fala para ele: Ah, isso podia melhorar se o desenho não ficasse tão triste, coloca ali uma gaiola de passarinho ou uma quaresmeira”. Aí o Jarbas olha para ele e diz: ‘Mas não tem isso ali’. O Guignard vira para o outro lado da praça e fala: ‘Tem sim, olha lá naquela casa tem uma gaiola de passarinho. Põe ela aí no seu desenho’. E aí o Jarbas entendeu. O que o Guignard fez com a gente foi isso, abrir o horizonte ao invés de ficar com viseira olhando para aquele objeto que está na nossa frente, mas olhar para o mundo”, relata Paulo.

Horizontes do modernista

O pesquisador e biógrafo de Guignard, João Perdigão, conta

João Perdigão em entrevista.



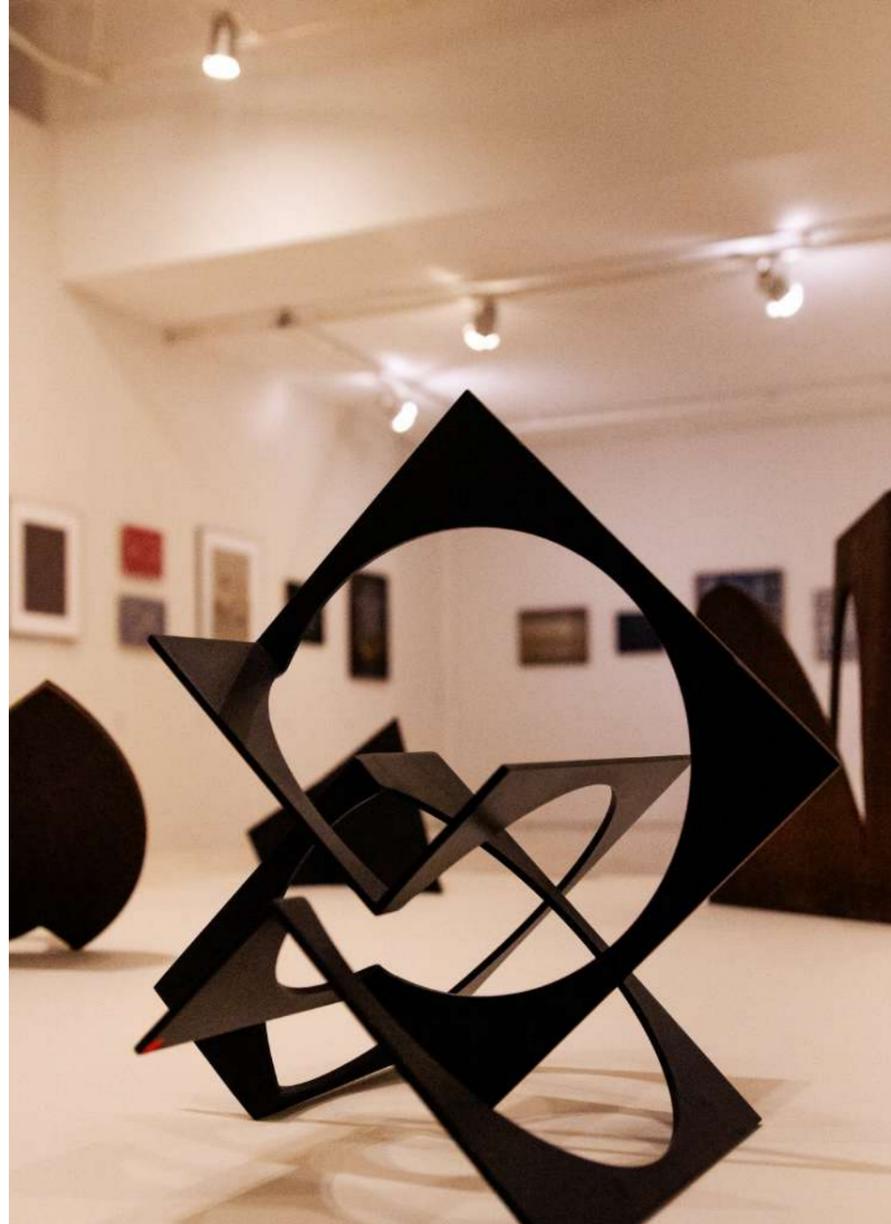
que apesar do reconhecimento do modernista enquanto uma figura importante para o cenário das artes plásticas em Minas Gerais, sua vida foi marcada pela marginalidade. O artista era considerado um homem feio. Nascido com uma fenda labial e palatina, mais conhecida como lábio leporino, de baixa estatura, com sobrepeso e com um modo de falar por vezes incompreensível. As características físicas de Guignard sempre foram citadas na maioria dos textos e entrevistas a seu respeito. Em seu livro, *Balões, vida e tempo de Guignard: Novos caminhos para as artes em Minas e no Brasil* (2021), Perdigão conta que Guignard teria confessado aos amigos que a “tristeza que sentiu ao perder seu primeiro amor, acabou levando-o a embrenhar-se no álcool de modo exagerado, o que lhe trouxe certo descontrole emocional e contribuiu para que passasse por uma eterna dificuldade financeira”. O artista, considerado ingênuo e sensível, além de doar suas pinturas para as pessoas que gostava, fazia trocas a fim de sustentar seu modo de vida boêmio. No entanto, sua obra passaria a valer milhões após a sua morte.

Influenciado por sua formação europeia ancorada no expressionismo, o início da sua prática artística apresentava elementos muito realistas, suas pinturas eram consideradas as mais figurativas entre os modernistas. Paulo Schmidt diz que a “obra de Guignard se desenvolveu junto da institucionalização das linguagens modernas”. Quando o artista descobre Ouro Preto, sua arte, que antes se limitava a motivos arquitetônicos, retratos, florais, entre outras formas de abstração mais figurativas, se transforma em paisagens oníricas, sem separação entre céu, montanhas, igrejas e balões. Tudo em suspenso naquele motivo que ele mesmo declarou ter procurado durante toda sua trajetória artística. Nos últimos anos de vida, Guignard podia ser encontrado facilmente pelas ruas de Ouro Preto, passando a fazer parte da paisagem que tanto desejou.

Anacronismos

A presença de Guignard em Belo Horizonte foi fundamental para a transformação da cena artística mineira. Cláudia Renault, professora da Escola Guignard desde o final da década de 1990, afirma: “Guignard chega e revoluciona. São Paulo já havia tido a semana de 22, mas BH estava parada no tempo”. Em consonância com a Semana de Arte Moderna, a obra de Guignard assimila como o modernismo brasileiro buscou revisitar a glorificação da inovação pela estética futurista; o desafio nas representações do cubismo; a expressão humana intensa e dramática do expressionismo; as obras do inconsciente por meio do surrealismo e a negação de convenções proposto pelo dadaísmo. Tudo isso, a fim de desenvolver uma identidade na arte tipicamente “nossa”.

Alunos de alunos de Guignard, em um contexto contemporâneo, também reinventam e remontam seus estilos, introduzindo novas técnicas, conceitos artísticos e explorando novas formas de expressão. Aquele grupo de intelectuais da semana, que na verdade foram três dias de 1922, também queriam através da dança, da música, da poesia



e da pintura, o fim da estagnação estética no país. Mas, com o passar dos anos, a arte moderna também precisou se expandir, precisava contemplar uma bagagem diferente para a cena. “O moderno deles é o nosso contemporâneo, em termos de manifestação da arte. Ela explode e vem uma substituição de palavras e categorias para classificar porque aquela já não consegue mais”, afirma Paulo.

O contemporâneo é muito evidente naquilo que questiona a própria arte enquanto arte. O curador menciona o mineiro Paulo Nazareth, como um artista que encara e reflete a vida através do próprio corpo, usando a arte “como uma grande performance”. Por outro lado, a assimilação das obras contemporâneas pode se dar em temporalidades diferentes. Paulo Schmidt abarca o conceito de contemporâneo como simultâneo ao seu momento histórico. Dessa forma, o moderno era contemporâneo a partir da necessidade de mudança.

Cláudia, entre as falas de Paulo, cita Marcel Duchamp com a sua obra *Fountain*, um urinol assinado por R. Mutt, como uma peça que foi entendida dentro dessa ruptura de limitações estéticas entre o moderno e o contemporâneo, mesmo sendo uma das obras mais representativas da vanguarda dadaísta. Paulo diz ser difícil usar o Duchamp como parâmetro. “Não sei até que ponto ele estava falando sério, mas claro que isso influenciou uma série de acontecimentos. Seja ele um pensamento construído de maneira convicta ou não, houveram mudanças a partir disso”, ele diz. As transições de estilos, vanguardas, conceitos e expressões artísticas são processos naturais. Construídos ao longo do tempo. A distinção se manifesta quando é preciso expandir a bagagem da cena. A arte é amarrada a uma perspectiva anacrônica, fora do tempo linear. Os termos são um tipo de ruptura de ideias, mas, de certa forma, que continuam completamente entrelaçadas e viciosas em uma e outra.

Guignard, o único modernista que esteve à frente de uma Escola de Belas Artes, parecia compreender essa dimensão anacrônica do fazer artístico. O artista afirmava: “Nunca acreditei ser professor, nasceu sem querer, e vai indo bem, de dia a dia”. A modéstia de Guignard não dá conta do quanto o seu ensino transformou o cenário artístico no país. Seus ensinamentos formaram toda sorte de artistas, gerações inteiras influenciadas por um mestre que sabia que o maior segredo era o olhar atento ao mundo além das telas e cavaletes. Nos últimos 80 anos, a escola em que lecionava recebe seu nome e o mantém vivo.



O ARQUIPELÁGO MINEIRO

O encontro de três mulheres que resultou na criação da produtora audiovisual, Anavilhana.

Por Luiza Gomes
Fotografias de João Santos

Na manhã do dia 20 de março, me preparava para a primeira entrevista do dia, um encontro que aconteceria virtualmente com notáveis personalidades femininas que inspiram e se destacam no cenário cinematográfico brasileiro. A conversa aconteceu com duas das três fundadoras da produtora mineira, Anavilhana, as cineastas Clarissa Campolina e Luana Melgaço.

Ex-integrantes do coletivo conhecido como Teia, a parceria entre Clarissa, Luana e Marília Rocha se iniciou nos idos dos anos 2000, quando ainda faziam parte do grupo. Naquele momento, em um cenário ocupado majoritariamente por homens, as cineastas realizaram seus primeiros trabalhos no cinema, com os documentários *Aboio* (2005), dirigido por Marília e premiado no 10º Festival Internacional É Tudo Verdade, como melhor longa-metragem brasileiro, e *Trecho* (2006), dirigido por Clarissa e Helvécio Marins Jr.

Inicialmente nomeada como Teia Produtora, a nova empresa carregou consigo o nome do coletivo, em um primeiro momento, contando com a parceria entre Clarissa e Marília, cuja aproximação ocorreu de forma natural, uma vez que as cineastas possuíam um vínculo construído e fortalecido desde a formação do grupo. “Desde o início, dentro da Teia, a gente tinha núcleos, quartos e pessoas que dividiam equipamentos. Eu e a Marília sempre fomos sócias dentro da própria Teia, a gente tinha o nosso núcleo menor”, declara Clarissa.

Diante da crescente produção de longas-metragens desenvolvidos pelas realizadoras, ainda enquanto membros da Teia, elas sentiram a necessidade e o desejo de fundar uma produtora própria. A abertura da empresa e a formalização com a obtenção de um CNPJ, possibilitaria às realizadoras participarem de editais e obterem acesso às políticas públicas de fomento ao audiovisual. Foi então, no ano de 2005 que uma nova jornada começou com o surgimento da Anavilhana.

A chegada de sua terceira integrante, Luana, aconteceu cerca de um ano após a fundação da Anavilhana. Naquele momento, surgiu o anseio por uma nova denominação para a companhia. Elas buscavam por um nome feminino e inspirador que representasse o propósito da produtora e de sua criação. “Anavilhanas” é o maior arquipélago de ilhas fluviais no Brasil, que está localizado no Rio Negro. Então, a gente achou que era um nome inspirador, no sentido de que, cada pessoa, cada projeto pode ter sua própria autonomia, mas ela só existe enquanto arquipélago, a gente só existe, enquanto empresa, juntas”, declara Clarissa.

Com quase 20 anos de atuação no mercado audiovisual, a empresa possui produções que retratam personagens femininas, sob o ponto de vista de uma autoria também feminina, como nos longas *A Falta Que Me Faz* (2010) e *A Cidade Onde Envelheço* (2016), dirigidos por Marília Rocha, e *Canção ao Longe* (2022), dirigido por Clarissa Campolina. Todos estes, filmes produzidos por Luana Melgaço.





Arquivo Anavilhana. Na ordem: Marília, Luana e Clarissa. ©Fernando Lara.

As cineastas acreditam que quando começaram seus trabalhos não tinham consciência da existência de tamanha desigualdade de gênero no meio, mas sentiam falta de se verem representadas tanto nos filmes quanto na linha de frente do set de filmagem. Motivadas pelo sentimento e desejo de representação, Luana relata que os primeiros trabalhos executados na nova produtora exploraram vários universos, porém, sob a ótica de suas experiências de existir no mundo enquanto mulheres. “A gente cortou muito mato”, uma expressão muito usada quando refletem sobre a trajetória da Anavilhana. Nesse sentido, a participação ativa no meio em que atuavam foi o que, aos olhos das realizadoras, proporcionou um aprofundamento na compreensão da luta constante das mulheres, de não serem subjugadas ou diminuídas pela sociedade.

Embora os desafios persistam, as cineastas acreditam que o cenário evoluiu bastante, comparado há 20 anos atrás. Atualmente, é possível observar um aumento na presença feminina em cargos de liderança e prestígio dentro da indústria, no entanto, ainda representando números muito aquém. Elas apontam ainda que a movimentação pessoal de cada mulher que atua no setor audiovisual é muito importante, mas é necessário ações vindas do poder público que incentivem essa mudança. É um processo contínuo que exige o engajamento de todos os agentes envolvidos: “A gente não pode ficar nesse lugar, sabe? Então, é importante dizer também que, além do movimento pessoal nosso, de cada uma de nós que produz, que dirige, que escreve, é muito importante que o poder público também participe dessa mudança. Porque sem política pública que colabora, é muito mais difícil a gente se colocar e vencer esses números”, afirma Clarissa.

A diretora e roteirista, Marília Rocha, não pôde comparecer no dia da entrevista, mas me escreveu um e-mail contando um pouco da sua produção atual, *Resíduo* (2023). A série é composta por quatro episódios e, em cada um deles, é relatada a trajetória de escritoras e pensadoras brasileiras que tiveram suas histórias esquecidas com o passar do tempo, são elas: Beatriz Nascimento, Patrícia Galvão, Henriqueta Lisboa e Stella do Patrocínio.

A escolha de suas protagonistas foi fruto de uma pesquisa aprofundada e resultou no descobrimento de diversas outras mulheres que tiveram uma grande contribuição para a cultura brasileira, mas que tiveram seus trabalhos e suas obras enterradas junto delas. “Nos últimos anos, finalmente, algumas delas voltaram a ser publicadas e temos acesso novamente a muitos desses livros e textos. Conhecer algumas dessas pensadoras e dedicar a série a elas, foi um aprendizado enorme. Tanto pela chance de conhecer seus trabalhos e histórias, mas também por perceber como elas abriram caminhos para nós, mulheres de hoje”, afirma Marília.

Na busca de inclusão e com o desejo de dividir o conhecimento adquirido em todos os anos de muito estudo e trabalho, no ano de 2022, em parceria com a Renca Produções, a Anavilhana criou o projeto *A ventura da história múltipla*. Com o objetivo de ampliar as oportunidades para o público feminino que possuía o interesse em atuar no audiovisual, o curso gratuito ofereceu bolsas de auxílio, além de formação teórica e técnica voltado para mulheres cis e trans que integravam movimentos sociais e eram residentes em regiões periféricas de Belo Horizonte.

Coordenado por Marília Rocha, o projeto foi idealizado no ano de 2019 e devido à pandemia de Covid-19, teve de ser adiado para um momento mais adequado, quando fosse possível acontecer encontros presenciais para realizá-lo. Os encontros ocorreram aos finais de semana e as participantes tinham um espaço livre para usar a imaginação e produzir conteúdo. Para o curso, foi criado um ambiente de imersão e experimentação, onde houve um incentivo para desenvolver suas habilidades, dando espaço e voz às suas histórias.

Atualmente, a Anavilhana conta com a participação de outros colaboradores no desenvolvimento e produção de seus projetos. Neste ano, foi lançado a longa-metragem, *Praia Formosa* (2024), dirigido por Júlia de Simone que juntamente com Luana Melgaço e Filipa Reis, também assinou a produção. A obra foi premiada no Festival Internacional de Cinema de

Rotterdam, na Holanda, e no Festival Internacional de Cinema Feminino de Créteil, na França.

Após trinta minutos de conversa, antes de me despedir de Clarissa e Luana, busquei descobrir um pouco mais sobre os próximos passos da produtora e suas articulações para o futuro. Luana revelou que a produção *Sussuarana*, de Clarissa Campolina, foi apresentada em Málaga na sessão *Working Progress*, na qual acontece a exibição de filmes que ainda não foram estreados. Obra que foi premiada como a melhor produção dentre as demais exibidas. Com isso, a produtora busca os mecanismos para o filme ser lançado para o público brasileiro ainda neste ano.

Assim como o arquipélago Anavilhanas, situado no leito do Rio Negro, nome da rua localizada no bairro Prado, onde as cineastas começaram a trabalhar juntas, Clarissa, Luana e Marília formam um arquipélago na capital de Minas Gerais. Através delas, a presença feminina à frente de importantes produções cinematográficas emerge como uma guinada em direção à uma indústria mais democrática e capaz de construir narrativas mais plurais. Sob essa ótica, a Anavilhana se destaca como um exemplo de resistência e empoderamento feminino, com uma contribuição muito rica para o desenvolvimento do cinema nacional.



... TUDO...
... 9...
... CLARISSA, SERGIO, TINA, ...
... ~~RODRIGO~~ ...
... LUNA, MARI HELO, MARI WOL, ...
... MARINA, TITIS, ...
... FRANUS?, ...
... MARCO, PABLO, ...
... BENE, ...
... RENAN, MARITÊ, ...
... SINARA, ...
... MARI e ISSA, ...
... MARI e PAU, ...

DALILA, GUARDIÃ DA HISTÓRIA NÃO CONTADA

Devota das palavras, a poeta faz de sua caminhada uma prova do potencial transformador da arte.

Por Lóla Luvizoto
Fotografias de Marina Vianna e Lóla Luvizoto



A iminente quebra das ondas do mar é capaz de despertar os sentidos do ser mais disperso. O movimento que insiste em se repetir e que ocasionalmente derruba, afoga, é o mesmo que em outro momento faz flutuar e suspende todo o peso do corpo. Se soubesse surfar, Dalila diz que pegaria as gigantes ondas de Nazaré e que, se por acaso fosse tragada pela força da água, a sua amiga sereia estaria a esperando no fundo do oceano com o brilho da vida.

Dalila Maria dos Santos é o retrato de um país que não reconhece sua maior preciosidade. Um povo que quase tudo lhe é retirado, mas que, ainda assim, afirma a vida quando esta também não é abreviada. Aos 70 anos, a contadora de histórias roda a cidade vendendo seus livros que ela chama de “filhos”. Sempre de chinelo, explica o porquê de não usar tênis, apesar de ter um: “A unha encravada atrapalha, é herança de escravo”. Como uma aparição, ela te encontra e oferece uma boa leitura e prosa. Sortudo é aquele que é capaz de enxergar pessoas como a escritora.

Nascida no interior de São João Del Rei, Minas Gerais, em um vilarejo com cinco casas e uma igreja, aos quatro anos já escrevia cartas a pedido da mãe. Um dia, indignada, questionou a matriarca o motivo pelo qual somente ela, entre os 10 irmãos, era responsável por aquela tarefa. A mãe então disse que era porque ela escrevia melhor do que os outros e isso a marcou para sempre. Era um tempo em que muitas mães e pais não conseguiam dar sustento para todas as crias e, para salvá-las, as endereçavam para quem o pudesse fazer. Mas como uma mãe e um pai decidem qual será o rebento a ser apartado? É possível que essa seja uma decisão puramente prática. “Esse é malino demais, aquele vive no mundo da lua, a outra tem os olhos maiores do que a barriga”. A verdade é que pouco importa a razão em momentos de desespero.

Aos quatro anos, Dalila foi mandada para Belo Horizonte para viver com a avó. De tão triste pela mãe não poder vê-la crescer, adoeceu. Fez greve de fome, o desafeto encontrou casa na barriga vazia. A mãe então a levou de volta para a roça, onde reencontrou a felicidade entre o gostoso cheiro de alecrim que varria os terreiros das casas e as peraltices de criança arteira. O pai que ganhava a vida como tropeiro, viajava por longos períodos, enquanto a mãe esperava o seu amado “negão da arapuça”. A escritora experimentou o amor em seu lar: “Saudosos todos nós, festejamos a chegada do mestre. Dito isso, papai não nos deu dinheiro, não tinha. Foi um homem humilde. Ensinou-nos a viver, a ter moral, decência, honra e palavra”, revela Dalila.

A palavra é como um órgão vital para Dalila. Ela a acompanha nas andanças, mas também é muito bem acompanhada pela poeta que a lapida, transformando tudo que tem de mais ordinário, sórdido e desprezável, em algo digno de atenção. Anos depois, voltou para a capital e a falta de afeto também voltou para lhe adoecer. O sucesso do projeto de Brasil gestado na colonização sabe sangrar mulheres negras. Isso lhe custou a metade do estômago, onde parte da tristeza havia se alojado. Mas a poeta não suporta ver Cristo na cruz. Se pudesse, ela mesma iria até o altar para retirar a coroa de espinhos do seu querido amigo.

“Todo mundo sofre, mas você não pode se agarrar ao sofrimento nem deixar que ele ultrapasse a alma porque a alma é sensível. Se você deixar o sofrimento bater forte na alma, ao invés de ficar uma alma forte, fica uma alma fraca, sofrida, triste e uma alma triste não é negócio.”

Ela me conta sobre a encenação da Paixão de Cristo, em uma conversa na Praça da Liberdade, e eu pergunto se Jesus era preto ou branco. Ela responde que se fosse preto, ele estaria no “pau da goiaba” e que a versão da praça nem sangue tinha. De uma linhagem de “dos Santos”, a poetisa tem certeza que “quem é Santos vai direto para o céu”.

Após 35 anos como cabeleireira no Navio Negreiro, seu salão de beleza, Dalila precisou mudar de profissão devido às dores adquiridas por todo o tempo que ficava em pé. Do corte de cabelo passou para o corte de retalhos. Em sua lojinha no Barreiro, onde fica, durante a semana, ela vende suas criações. Sentada em uma cadeira com almofadas amarradas, ela faz carinho na sua máquina de costura Singer, com o “i” já quase apagado, e diz: “Meu amor é esse aqui, era da minha mãe”. Ao lado, onde ficam as bobinas de linha, um pequeno broche do santíssimo achado na rua por uma vizinha. “Eu aceito tudo que me dão. É ouro? Não, mas é amarelo e protege”, fala rindo. Entre livros, bermudas e vestidos de Angola, vários cadernos que, de tão cheios, nem





fecham mais. Dentro deles, o olhar sensível da escritora acerca do mundo.

Como o nome de sua autobiografia, *Dalila é Vento Leve* (2021). É meio para a palavra que chega de surpresa e encanta. Nosso primeiro encontro foi assim, surpresa e encanto. Já era fim de tarde de um sábado, quando ela se aproximou com seu carrinho de feira roxo e me apresentou os seus quatro livros. Uma autobiografia, um de poesia, um romance e outro infantil. Todos registrados sob o pseudônimo “Lalembar”, palavra de origem quimbundo usada no noroeste de Angola para designar a sensação de gratidão que os pais sentem quando a filha se casa, garantindo seu sustento. O porquê da escolha por esse pseudônimo ainda não cabe a mim desvendar, mas ele revela uma profunda reverência à ancestralidade.

Nas sociedades africanas, algumas das figuras mais primordiais para a preservação e continuidade de um povo, são os griôs, mulheres e homens responsáveis pela transmissão oral dos saberes e histórias de sua gente, em forma de poemas e canções. Há séculos, os conhecimentos passados de geração em geração por esses contadores de histórias tiveram e, ainda tem, o poder de manter uma comunidade viva por meio da memória coletiva. Dalila Maria dos Santos é uma griô do Brasil profundo. Ela representa a potência criativa por trás do véu compulsório que insiste em vulnerabilizar e apagar as nuances de um povo retratado somente a partir da miséria.

Dalila chega como quem nada quer e te ganha na lábia de poeta, mas também no sorriso. Um sorriso que toma conta de todo o rosto e contagia. Depois de “balangar muito beijo”, como gosta de dizer, ela segue com suas vendas, porque sua poesia, além de sustento para alma, garante o sustento para o seu corpo. A mulher do carrinho roxo e seu companheiro de rodas tortas, conhecem cada palmo, rachadura e fantasma dessa cidade.

“O que cura, fundamentalmente, é o estímulo à criatividade, ela é indestrutível. A criatividade está em toda a parte.” (Nise da Silveira)

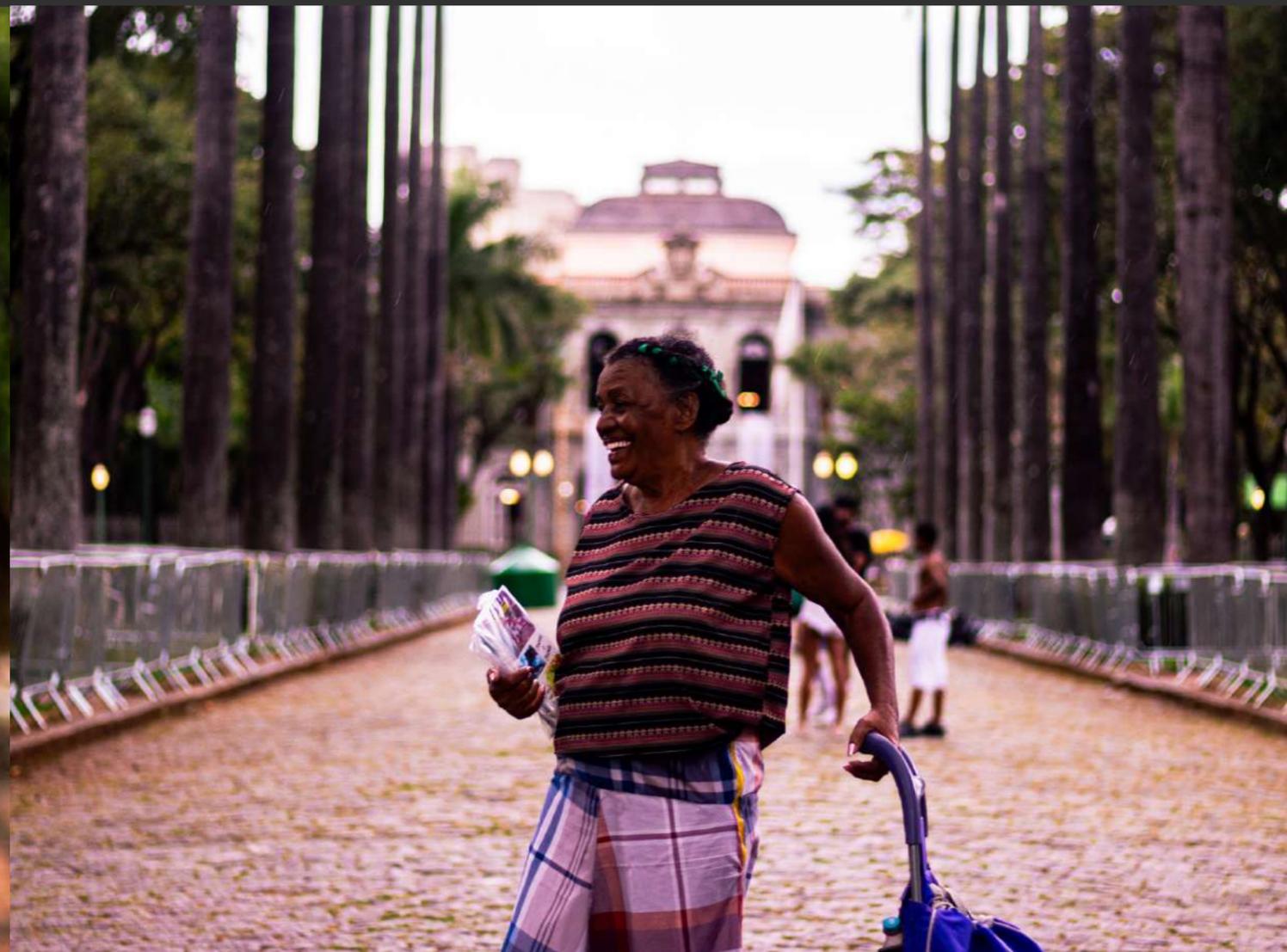
A escritora já tem o seu segundo livro infantil pronto, mas o dinheiro é pouco para colocar mais um filho no mundo. O dinheiro é pouco porque é feito para ser pouco para muitos e muito para pouquíssimos. E é essa lógica que vem acompanhada de muitas outras violências, aquela que nos impede de conhecer trajetórias e talentos incríveis de pessoas que cruzamos, mas muitas vezes não enxergamos.

No dia que conheci Dalila, tomei muitas decisões que, por acaso, me levaram até ela. Eu poderia estar em outro lugar, em outro horário ou em outras circunstâncias. São infinitos os cenários em que eu não a conheceria. Mas a verdade é que o acaso é pouco relevante nessas histórias. Ela poderia estar parada na minha frente, gritando comigo. E eu poderia escolher não enxergar e ouvir, como muitas vezes fiz. Naquele dia, eu decidi fazer diferente e fui surpreendida.

Fugindo de uma chuva repentina, nos sentamos em um ponto de ônibus coberto. Ela, então, começou a cantar uma música de Dolores Duran e não demorou muito para que a moça ao seu lado a acompanhasse. A moça que tinha mais ou menos a mesma idade da escritora, conta que sempre que a encontra, a poeta canta músicas de sua época e a entretém em momentos em que a possibilidade de distração parece não existir.

Enquanto nos despedíamos com um “até breve”, a poeta me convida para ser sua afilhada e eu prontamente aceito, sabendo que a oportunidade de aprender com Dalila Maria dos Santos é sorte grande. Ela me ensina os caminhos para não encontrar as assombrações dos grandes palácios.

“Acredito que eu sou importante na hora que eu chego da rua, da venda do livro, que eu olho a minha mochila e vejo que a metade andou, entendeu? Mas no mais eu não ponho na cabeça, eu tenho a sorte de ser agora quem eu sou.”







IGOR PIRES E A INSPIRAÇÃO NO ORDINÁRIO

Um jovem poeta que conquistou a literatura contemporânea com simplicidade e identificação

Por Ana Clara Maforte
Ilustrações de Bruna Mibielli

De onde exatamente vem o ato de traduzir sensações em poesia? Na literatura nos são apresentados o trovadorismo, as cantigas medievais, Shakespeare, até alcançarmos as maravilhas de Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade. Nas artes plásticas, as cores e formas fazem o seu trabalho. Músicos criam líricas irmãs da desenvoltura falada da prosa. Todas essas são poesias em suas diferentes formas. Ainda sim, diante de tantas expressões artísticas, como se consiste a ação de escrevê-las e como conseguir transformar emoções em palavras? Desses questionamentos ascenderam soluções pelo olhar do poeta. Para Igor Pires, “a escrita surgiu para sanar a falta de não saber me encaixar. Ela nasce de tentar compreender o que falta em minhas próprias palavras. Tive o impulso de escrever para sanar minhas angústias”. Logo, o processo lírico nos faz capazes de transmitir a essência do que há de profundo em nós, possibilitando conectar, em sentimento, locutor e interlocutor.

Em um dia ensolarado no final de março de 2024, um em Belo Horizonte e o outro no Rio de Janeiro, tive o prazer de poder entrar em diálogo, imergir e conhecer através dos olhos de Igor, seu universo poético e sinestésico, um mundo sensível. Exalando brilho e bom humor, o poeta de quase trinta anos se apresentou num cenário orgânico e pessoal, provavelmente, o conforto acolhedor do seu lar, de onde escapou seu apreço pela literatura, pela arte e pela natureza que o rodeava. Seus companheiros domésticos sempre se aventurando em obscurecer a visão das câmeras, felpudos, espertos e carinhos, eram gatinhos claramente orbitantes ao redor de seu dono. Um ambiente que transparece a identidade daquele que o habita.

Ex-morador da periferia de Guarulhos, Igor encontrou percalços ao acessar a leitura, vivendo uma adolescência vazia de referências para o que ele viria a se tornar. Mesmo assim, arrumou formas de devorar e não se saciar em conhecer o mundo através da escrita. “Fui um adolescente leitor que leu muito, leu de tudo, quase que um nerd da literatura, li de Machado de Assis, Cecília Meireles à Graciliano. A ‘poesia fácil’ (como descreve seu jeito de escrever) também passou por um processo de construção, por ela também tem uma bagagem e uma trajetória de conhecimento”. O iniciar simples de seus passos se tornaram passadas longas e logo então um salto que o levou a conquistar hoje lugares de destaque na literatura contemporânea. Lugares esses que evidenciam sua posição como homem negro e gay, os quais diz ficar orgulhoso em ocupar.

Quem diria que um insight no transporte público daria início à carreira de Igor Pires. Uma vez, ainda na infância, um garoto que costumava pegar as colheres de pau da mãe para escrever os nomes de bairros, transformava a partir de uma mente lúdica e criativa, os utensílios domésticos como se fossem ônibus e seus caminhos. Ao decorrer da lembrança percebeu que as palavras sempre o encantaram, mais do que os números. Assim como as palavras, as linhas de ônibus sempre se entrelaçaram no seu ‘eu’ escritor. Em um ônibus então, esse garoto agora

crescido, retorna para este lugar marcante que daria início a sua carreira em ascensão. Como um flash de ideia, surgiu à mente: "Textos crueis demais para serem lidos rapidamente". Título que veio a se tornar o nome da sua página no Facebook e posteriormente sua primeira publicação lançada em 2017, um sucesso de vendas.

Ainda cursando publicidade, Igor se encorajou pelo incentivo de uma amiga a postar numa página da internet seus textos e pensamentos. "O Facebook veio como meio de apresentar meus textos de forma rústica, sem letras maiúsculas, o que se tornou uma marca minha. Eu achava que as letras maiúsculas impunham e traziam uma diferença às letras, todas são iguais, nunca gostei dessa diferenciação". Muito mais do que apenas letras, o olhar para a realidade com esse viés de igualdade é o que a humanidade vem lutando durante todo seu andar. No mar da dificuldade, a escassez do povo brasileiro pela leitura, Igor se viu inundado de coragem. Recolheu tudo que tinha, colocou sua esperança na mochila e fez uma viagem em direção à sede do Grupo Editorial da Globo no Rio de Janeiro: "Fui lá dar a cara a tapa, sem saber como seria recebido e como minha ideia seria recebida. Escutei muito que jovem não lê e que poesia não vende. Mas o não eu já tinha e meu único argumento era os quase um milhão de seguidores da minha página no Face. E assim, eu consegui que comprassem meu sonho e publicassem minha história", comenta o poeta.

Logo mais, se tornou pai de cinco obras publicadas: Textos crueis demais para serem lidos rapidamente (2017), Textos crueis demais para serem lidos rapidamente, onde dorme o amor (2019), O fim de doses homeopáticas (2020), Todas as coisas que eu te escreveria se pudesse (2021) e Textos para tocar cicatrizes (2022). Com promessas e contratos fechados para mais algumas obras, o autor ainda deixou escapar um novo projeto, um romance em andamento. Cheio de talento e abordando tópicos que, por diversas vezes, fazem parte do que é comum e ordinário a nós seres humanos. Sua escrita nos faz refletir sobre situações que passam despercebidas e o ato de olhar para dentro, para nossas dores e gozijos de forma diferente e humana.

A escrita encontra um obstáculo atrás do outro. Criadores da arte nacional, mesmo com ouro em suas mãos, vivem em um país onde a produção criativa não é reconhecida e valorizada como deveria. Ainda em sua própria comunidade, Igor batalha com aqueles que insistem em desvalorizar seu trabalho. "Por diversas vezes recebi críticas sobre meus textos, falam: 'não é poesia'. Mesmo assim, não se abala. A segurança do "para quê" e "para quem", escreve, faz toda a diferença em lidar com a oposição. Afirma escrever não para negros, nem para a elite brasileira, pois, "os leitores são nosso cotidiano, escrevo para as pessoas que se sentam na calçada comigo, por isso que eu escrevo poesias". De forma linda e cativante, o poeta fala sobre querer abraçar aqueles que por muitas vezes ocupam o lugar de desprezados, através de uma escrita mais palatável que a maioria, além da sua acessibilidade como pessoa. E conclui dizendo que o

tipo de literatura que escreve é uma leitura para todos aqueles que se achegarem a ela.

Para conquistar seus leitores, o jovem poeta utiliza como inspiração suas interações com o ordinário da vida: sentindo, vivendo e observando os acontecimentos que o rodeiam. Ao ser perguntado sobre a mudança de cidade e a influência que essa transição de ambientes gerou nos seus textos, Igor comenta sobre quando morou em São Paulo, como era uma constante aflição por estar diante de uma vida que não o pertencia e a maneira como esse peso refletia nas obras iniciais. Já com uma face mais iluminada, confessa que a nova realidade na capital fluminense transformou sua qualidade de vida de formas extraordinárias: "O Rio é um lugar que me possibilita observar, apreciar a natureza e o cotidiano das pessoas. Percebi que com a mudança de cidade existem mais momentos livres. Tudo isso, contribuiu para que eu produzisse textos mais solares, como se os textos adquirissem uma cor. Essa mudança influenciou na maneira como me relaciono com as pessoas e com o passo da vida".

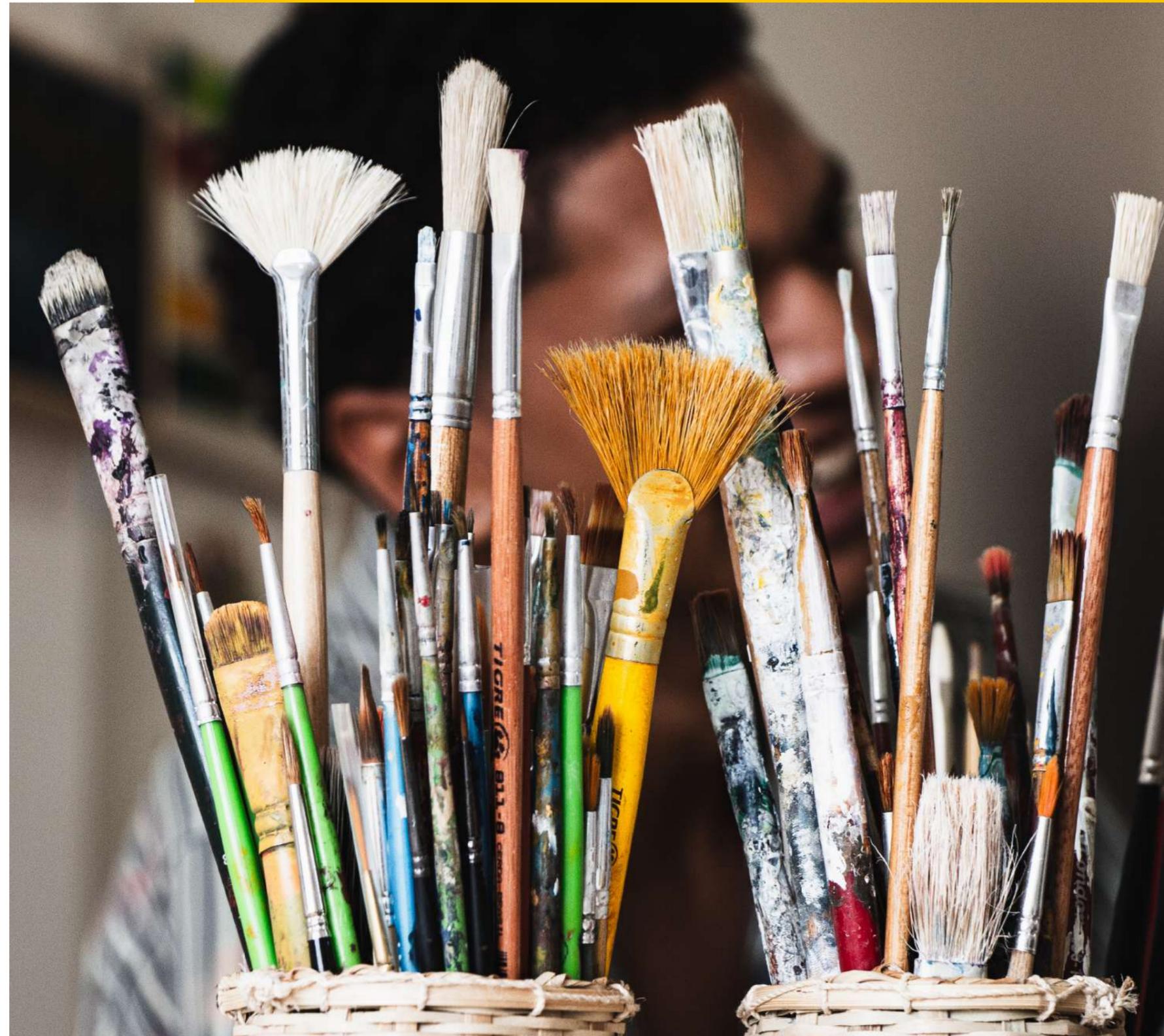
Alguma conversa já tendo se passado, me aflorou um questionamento a respeito de uma fala dele feita em um vídeo do seu canal no Youtube, onde decorre reflexões que se iniciaram em seus livros de ser melhor ter qualquer coisa do que não ter nada. Me passou pela cabeça o pensamento do que exatamente este poeta estava pensando para pensar isso? Achei que o estava entendendo, não é melhor que sejamos suficientes com nós mesmos? (argumento que discorre como tese em maiorias nos seus textos). Desenrolando as peças, Igor Pires disse: "Toda vez que eu não senti nada foi horrível, quero ser uma pessoa assustada com a vida, viver precisa passar pelo sentir". Assim, ele conta como foi bom ter chorado e colocado pra fora a dor presa dentro do peito.

Com uma característica marcante que demonstra cuidado em passar seus aprendizados e reflexões, o poeta transmite muito mais do que apenas palavras e os sentidos vinculados a elas. Seus textos carregam a criança das colheres de pau, sua tristeza do primeiro término, cada um dos autores que compõem sua bagagem poética: o jovem de São Paulo e o novo cara do Rio de Janeiro. Igor Pires carrega cada um dos seus leitores com ele, levando seu olhar atento por onde quer que vá, nunca deixando que a banalidade automática da vida passe diante de seus olhos. Um autor brasileiro que não deixa de ser ele mesmo e compartilhando em cada linha que escreve, quem está sendo naquele momento. "Somos uma geração preocupada em ver e rever padrões de vida estético, cultural e de pensamento, nos desvencilhamos do que é nosso. Quero compreender quem sou, os meus valores e do que faz sentido. A maturidade da vida é algo que só vem com um propósito, evoluir como pessoa e como gente."

ENTRE TELAS E RAÍZES

Com um estilo próprio e conectado às tradições populares da cultura brasileira, Pedro Neves celebra nas telas sua ancestralidade.

Por Náthaly Escobar
Fotografias de João Santos







Ainda no chão do seu ateliê, rodeado por tintas e com o godê em mãos, o maranhense de 27 anos, Pedro Neves, nos recebeu em seu espaço localizado na avenida Amazonas, em pleno centro de Belo Horizonte, para contar um pouco da sua trajetória. Caminhando pelo ambiente, antes de iniciarmos a entrevista, ele se senta à frente de quadros ainda sem cor que, daquele ponto de vista, contrastam com suas roupas já coloridas pelas tintas. O artista inverte seu papel e aparece, então, como uma obra que iríamos admirar e entender, diante de todos aqueles quadros vazios.

Às vezes, conversando baixinho e tão sereno que as pessoas ao redor pareciam estar frenéticas, Pedro, também conhecido como Mulungu, personifica a planta que, não por acaso, empresta seu nome. Planta cujo tronco produz um chá calmante que, tal como o artista, carrega tranquilidade consigo. Coincidentemente, ou não, a árvore é comum em Minas e no Maranhão, lugares nos quais se enraíza o pintor.

Por volta dos 10 anos, Pedro Neves se mudou para Belo Horizonte. Foi sua tia Rose quem convenceu seu pai a se mudar. Ele relata que o motivo do deslocamento era essa história bem comum do Brasil: a promessa de novas oportunidades e condições de vida no sudeste do país. Pouco mais de um ano depois da vinda do pai, vieram Pedro, sua mãe e os outros três irmãos. Natural de Imperatriz, ele sequer sabia para onde estava sendo levado e me conta que achava ser uma simples visita à avó, no interior do Maranhão. Em um tom de brincadeira, revela que só percebeu que iria para outro lugar porque estava demorando demais. “Eu achava que eu estava indo visitar minha avó, quando a gente chegou é que eu comecei a entender que estávamos num outro lugar, num outro estado. Ao todo, fizemos três dias de viagem”.

Explorando a pintura, ele foi cativado por um espaço onde conseguiu se reconhecer. “Essa história da migração é muito presente no meu trabalho. Eu acho que até a maneira que eu comecei a pintar vem muito disso. Quando a gente veio só trouxemos um álbum de foto de família. E eu comecei a pintar essas fotos, entendendo que a pintura também poderia ser uma profissão”, acrescenta o artista.

Herança popular

Hoje, Mulungu mora no Morro das Pedras, zona oeste de Belo Horizonte. Formado em Patrimônio Cultural na Escola Livre de Artes - Arena da Cultura, em 2020, o artista plástico resgata no curso memórias, raízes familiares e tradições da terra natal que, guiado pelas histórias contadas por sua mãe, refletiam seu bisavô. “O que tem muito no interior são as festas populares, né? Como uma forma de diversão, de distração, até de filosofia de vida mesmo. Então minha mãe sempre conta que meu bisavô era muito apegado às tradições que aconteciam ali na região dele, a Folia de Reis, o Boi da Manta, ali de Barra do Corda, de Bom Jesus das Selvas”, diz.

Autodidata na pintura, Pedro inscreve em seus quadros técnicas que conversam com a cultura popular brasileira. As telas se envolvem com o espetáculo, figurinos, cores, música e dança, tal como uma festa. Essas representações tradicionais se conectam à expressão artística contemporânea de Mulungu, o que lhe garante autenticidade na cena, mas também a permanência e o conforto da memória. Dessa forma, o artista celebra a cumplicidade entre seu tempo e a herança de seus ancestrais: “Eu acho que tudo que a gente faz, de alguma forma, foi feito antes”, afirma. “Então, o meu próprio bisavô fazia todas essas coisas que eu tenho feito, só que de uma outra expressão. Ele construiu as próprias casas dele, ele construiu os cestos dele, ele trabalhava com a palha. Então, eu acho que eu só tenho feito a mesma coisa que ele fez, só que num outro corpo e num outro período do mundo. Eu penso que o meu trabalho é uma forma de me aproximar disso, do que está dentro de mim mesmo”.

Subvertendo as narrativas

Outro ponto importante que pavimenta a fuga visual do trabalho de Mulungu são as suas influências, as formas através das quais ele se inspira e, como isso, transparece as suas ideias. À sua maneira, também desafia representações e expõe feridas, na medida em que o negro representa o negro, onde se reconhecem e se sentem acolhidos. Com isso, a sua arte também restitui formas de um povo que teve a sua imagem historicamente retratada por um sistema racista.

Pois, logo quando chegamos para a entrevista, Neves estava pintando a partir de uma foto, costume que se instaurou desde quando iniciou na pintura. Era uma mulher vestida de noiva, obra de Seydou Keita, quando ele fotografava o Mali entre os anos 1940 e 1960. Naquele momento, Pedro também me diz estar ouvindo o jazz de Coltrane e lendo bastante os poemas e discursos de Suzanne Roussi e Aimé Césaire. “Mesmo eu sendo autodidata, gosto muito de estudar, tanto tecnicamente quanto conceitualmente, entendendo como as coisas funcionam”, ele diz entre as perguntas. Logo, tudo o que Neves consome, reflete em quem ele é e o que quer dizer através da sua arte.

A casa de palafita que ilustra a praça

Em 2022, na 7ª edição do Circuito Urbano de Arte, o CURA, Pedro Neves assinou a pintura da casa de palafita que ilustra a tela *Brasil* (2022), na lateral do edifício Copacabana, localizado na praça Raul Soares, no centro de Belo Horizonte.

Pedro se recorda do desassossego que sentiu ao estar a 41 metros de altura. Ele revela que um dos desafios foi lidar com uma técnica diferente do usual, ainda em uma outra escala de tamanho: “Você fica num balancinho, o vento batendo e do nada você bate no prédio e volta. Mas a equipe do CURA é muito grande, a projeção do desenho no prédio, a equipe deles é quem faz. Eu era meio que assistente no meu próprio trabalho, ele era mais guiado por pessoas do grafite mesmo, do mural de rua”.

O artista, apesar do medo de altura, manifesta e celebra a arte urbana: “Todo mundo acessa, todo mundo vê, todo mundo se sente tocado de alguma maneira”. A arte que se apresenta em espaços públicos é instrumento que aproxima pessoas e democratiza o acesso à cultura no cotidiano. A rua é a cara do povo e todo mundo se delicia com o azul que abraça a pintura de Pedro na praça. As obras de Neves, assim como os outros murais espalhados por BH, extrapolam a expressão e experiência individual, encontrando seu espaço no coletivo. Assim, Pedro se veste de Mulungu e se enraíza na calmaria para, através dos pincéis, refletir e questionar as heranças que nos conectam como um povo.



